

Editora Prospectiva (Frutal-MG).

Estudantes, universidade e o patrimônio e artístico de Ouro Preto.

MACHADO, Otávio Luiz.

Cita:

MACHADO, Otávio Luiz. (2013). *Estudantes, universidade e o patrimônio e artístico de Ouro Preto*. Frutal-MG: Editora Prospectiva.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/otavioluizmachado/40>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/pezx/cbc>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

OTÁVIO LUIZ MACHADO (ORG.)



EDITORA
PROSPECTIVA

Otávio Luiz Machado

**ESTUDANTES, UNIVERSIDADE
E O PATRIMÔNIO CULTURAL
E ARTÍSTICO DE OURO
PRETO**

EDITORA PROSPECTIVA

Copyright 2013 by Otávio Luiz Machado

Capa: Editora Prospectiva

Foto de capa: Otávio Luiz Machado

Revisão: Otávio Luiz Machado

Edição: Editora Prospectiva

Machado, Otávio Luiz. Estudantes, universidade e o patrimônio e artístico de Ouro Preto – Frutal: Prospectiva, 2013.

ISBN: 978-85-67463-27-8

1. Estudantes universitários – Comportamento.
2. Memória Histórica. 3. Educação extracurricular; 4. Moradia Estudantil.
CDU316.6:378.4

Contatos com o autor:
Caixa Postal nº 1, 382000-000 Frutal-
MG

E-mail:

otaviomachado3@yahoo.com.br

Tel: (34) 9668-9575



EDITORA
PROSPECTIVA

SUMÁRIO

Apresentação

Otávio Luiz Machado 07

PRIMEIRA PARTE 12

Universidade, Estudantes e o Patrimônio Cultural de Ouro Preto

Otávio Luiz Machado 13

Uma cidade de estudantes: a experiência secular de Ouro Preto

Otávio Luiz Machado 39

Um primeiro roteiro para a compreensão da história das repúblicas de Ouro Preto

Otávio Luiz Machado 55

SEGUNDA PARTE: DEPOIMENTOS E REMEMÓRIAS DE UM TEMPO QUE SE FOI 88

Ouro Preto, a Escola de Minas e as repúblicas

José Lourenço Mont´Alverne 89

Ouro Preto, cidade de turismo

Estudantes Redatores da “Nossa Revista” 95

Um dos grandes casos de manipulação política na questão estudantil

Augusto de Lima Junior 98

No meu tempo ... (Memórias do Consulado)

Silvio Vilar Guedes 115

Depoimento sobre a República Castelo dos Nobres

Aloysio Sá Freire de Lima 128

Sobre a história da República Canaan

Rubens Corrêa da Silveira (Rubão) 133

ANEXO: Gírias Estudantis de Ouro Preto
..... 140

APRESENTAÇÃO (Otávio Luiz Machado)

A grande dúvida de quem passou por Ouro Preto, seja em tempos recentes, seja em tempos mais alongados, poderíamos dizer que é sobre a capacidade ou não dos (das) atuais moradores (as) de tratar com as questões fundamentais para a sobrevivência da própria República.

Matérias apressadas da imprensa, opiniões preconceituosas sobre as repúblicas e seus moradores e desinformação sobre o passado das repúblicas e sua presente contribuição para a cidade são algo que preocupa muito quem é ex-aluno ou ex-aluna de Ouro Preto.

O livro irá tentar provocar um debate entre os atuais moradores com seus ex-moradores, pois ninguém até o momento dedicou tantos anos de pesquisas como eu, quando pude entrevistar centenas de ex-alunos (as), visitar várias vezes as casas, coletar documentos raros sobre as repúblicas e apoiar novas pesquisas.

Como cantou Sérgio Godinho e Milton Nascimento, com tantas experiências propiciadas para a produção desse primeiro livro específico sobre as repúblicas, só tenho a declarar que “em Ouro Preto eu não me sinto só”.

Que as pessoas preconceituosas em relação ao ambiente alegre de Ouro Preto percebam que por trás dos (das) jovens republicanos (as) existem desejos, vontades, paixões, emoções, alegrias, esperanças e uma gratidão muito grande por morar em uma cidade tão cheia de significados.

Que as pessoas saibam de uma vez por todas que as repúblicas foram e são fundamentais para a conservação da cidade de Ouro Preto, ontem e hoje. Casas que foram abandonadas com a transferência da capital para Belo Horizonte no final dos anos de 1890 e início dos anos 1900 (ou simplesmente caíram nos anos 1960 por falta de condições para a sua conservação) foram assumidas por estudantes, que passaram de geração a geração até os dias de hoje se dedicando às casas

dando o melhor de si para que os imóveis permanecessem conservados, impulsionando a presença de muitos brasileiros na cidade e divulgando a cidade por todo o mundo.

A auto-gestão é o modelo que deu certo e merece todo o nosso respeito. Longe do desinteresse pela coisa pública, da instrumentalização das repúblicas para fins particulares e do mau uso do patrimônio público, os moradores e ex-moradores trabalham afincamente para manter as casas dentro de um ideal carregado pelo mais alto espírito público, visando sempre o interesse social dos imóveis.

A generosidade, a construção de um projeto coletivo, o debate franco entre as pessoas e o convívio com tantas experiências acumuladas bem sucedidas cotidianamente é parte da vida de quem mora em repúblicas.

São os atuais moradores que conhecem as prioridades da casa, pois trabalham aprendendo por meio de um ensino extracurricular importante, também cientes de que nem sempre poderão escolher no mundo

profissional com quem irão trabalhar, mas certamente estão muito aptos a selecionar os estudantes com quem irão dividir sonhos e responsabilidades.

Por fim acredito que não existe ninguém com mais autoridade para cuidar das repúblicas do que os estudantes. É um crime não permitir que eles utilizem os espaços da casa para promover atividades acadêmicas, sociais e culturais, bem como utilizar as potencialidades do bem público para a sua própria manutenção.

É um crime impedir que jovens de outras cidades, Estados e países vivenciem um pouco a experiência em república em alguma data importante para a cidade de Ouro Preto, como o carnaval, o Festival de Inverno, o 21 de Abril ou o 12 de Outubro.

O crime maior é impedir que os ex-alunos participem da vida cotidiana das casas também nestas datas, inclusive contribuindo para o engrandecimento das casas, da UFOP, de Ouro Preto e do País. O preço da contribuição de milhares de ex-alunos que se

dedicaram às repúblicas durante seus anos de estudo é incalculável.

Duvido que alguém esteja disposto a questioná-lo, pois estaria indo ao desencontro da Constituição cidadã de 1998. A conveniência do interesse público, indubitavelmente, impedirá os diversos crimes que tentam ser cometidos contra as repúblicas, seus moradores, ex-moradores e a própria Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) por forças que não aceitam o trabalho das repúblicas em prol de uma universidade pública, gratuita, de qualidade e referenciada socialmente.

PRIMEIRA PARTE

UNIVERSIDADE, ESTUDANTES E O PATRIMÔNIO CULTURAL DE OURO PRETO

Otavio Luiz Machado

Introdução

A cidade de Ouro Preto é caracterizada e conhecida mundialmente pelo papel importante na economia brasileira durante o “ciclo de ouro”, especialmente no século XVIII, e, também por ser o estopim e palco da chamada “Inconfidência Mineira”, em 1789, um dos movimentos emancipacionistas importantes na história do Brasil e desencadeador das primeiras idéias de independência do Brasil. Ouro Preto também é destaque pelo pioneirismo de suas escolas profissionais, sendo a Escola de Farmácia em 1849, a Escola de Minas em 1876.

Em 20 de março de 1823 Ouro Preto, até então Vila Rica, é elevada a capital da Província de Minas Gerais. Dom Pedro visita

a cidade em 1831, na tentativa de pacificar a Província, mas não é bem recebido pela população. Em 1897, a capital de Minas Gerais passa de Ouro Preto para Belo Horizonte, planejada e construída exclusivamente para sediar a administração política do Estado, devido às limitações geográficas de Ouro Preto. Segundo Rodrigo Meniconi houve um esvaziamento populacional de 40% na cidade.

A UFOP, criada em 21 de agosto de 1969 por meio de Decreto-Lei assinado pelo Presidente Costa e Silva, integra as Escolas de Farmácia, de Minas e o Instituto de Ciências Humanas de Mariana pertencente à Universidade Católica de Minas Gerais.

A primeira grande contribuição oficial à preservação da cidade de Ouro Preto veio com a elevação de Ouro Preto a Monumento Nacional pelo Governo Vargas. O reconhecimento do Governo Oficial auxiliou na criação de iniciativas, que vieram efetivamente com a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

(SPHAN), em 1937, que atualmente é um órgão que pensa e executa ações neste sentido com o nome de IPHAN.

Oficialmente, também, são os planos de preservação e restauração de paisagens, monumentos e do núcleo urbano que se buscaram ações efetivas, como o plano do o arquiteto português Alfredo Viana Lima, em 1968, e o “Plano de Conservação, Valorização e Desenvolvimento de Ouro Preto e Mariana”, da segunda metade de 1970. Porém, a cidade sempre permaneceu fragilizada quanto à preservação, o que pode ser identificado quando as fortes chuvas de 1978 e 1979 colocaram em estado de alerta a cidade e todos os seus setores.

Com a declaração de Monumento Histórico Mundial, quando passou a integrar o Patrimônio Cultural da Humanidade, pela UNESCO, em 12 de dezembro de 1980, que Ouro Preto pôde contar com iniciativas arrojadas tanto na preservação do seu acervo histórico e artístico nacional, como na recuperação efetiva do deste patrimônio.

Neste momento, também, a participação das escolas superiores de Ouro Preto através da UFOP é que realmente ficam mais às claras, pois desde muito tempo seus professores, estudantes e funcionários estavam empenhados oficialmente ou não nestas atividades. Dimas Guedes, por exemplo, cita vários episódios, como a solicitação do SPHAN de 1958 aos professores da EMOP de um relatório sobre a encosta da igreja de São José (**Guedes, out. 1980, p. 8**). Ou os alertas sobre problemas de ocorrência de deslizamentos em vários locais de Ouro Preto na IX Semana de Estudos da SICEG (Sociedade de Intercâmbio Cultural e Estudos Geológicos, em 1968). Há de se ressaltar que a SICEG é uma entidade pioneira dos alunos da Escola de Minas e apoiada pelos seus professores (idem). Um seminário em abril de 1979 promovido entre a Sociedade dos ex-alunos da Escola de Minas de Ouro Preto, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e a Prefeitura Municipal de Ouro

Preto foi um importante ponto para se promover várias ações” (*idem*, p. 9).

Com a posse do dinâmico Reitor da UFOP, Professor Antônio Fagundes de Souza, que tinha em seus planos a expansão da UFOP, foi decisivo para a atuação na cidade em defesa de seu patrimônio. O convênio assinado pela UFOP e PMOP em 19 de novembro de 1979 previa uma série de prestações de serviços a ser feitos pela UFOP à SPHAN, como “trabalhos de geologia e geotécnica em pontos críticos e com deslizamentos”, de “elaboração de projetos e execução de trabalhos de reflorestamento necessários à recomposição da paisagem e à estabilização de encostas e taludes” e “apoio às atividades de preservação e recuperação do núcleo histórico, no campo da fiscalização, conservação, projetos e animação cultural” (*idem*, p. 9-10).

Neste período, também, uma “uma equipe composta por professores da Escola de Minas e Farmácia elabora projetos e executa trabalhos de reflorestamento, visando a

estabilização de encostas, taludes e a recomposição da paisagem” (idem, p. 11). Os estudantes criam o Escritório-Piloto dos Estudantes da UFOP (EPE), que pode ser considerada a primeira atividade extensionista de peso da Universidade Federal de Ouro Preto. A ele está subordinado a responsabilidade de cursos exclusivos para a comunidade de Ouro Preto ou a realização de projetos de intervenção na área de Engenharia. Seus principais cursos ainda são o supletivo, a soldagem industrial, o geral de obras e o de lapidação. Desta forma, além de formar ou capacitar profissionais para a cidade, abriu um importante canal para este contato com a comunidade, que passa a reconhecer a Universidade como peça importante no seu desenvolvimento. Fundado em 1979, o EPE, que surgiu de uma demanda de construção de casas para os desabrigados do Bairro Bauxita, tarefa assumida por solidariedade às 150 famílias que perderam suas casas em fortes enchentes, passou a fazer parte da vida de

Ouro Preto com seus atuais cursos voltados para a população mais carente.

Desta forma, é rica a participação da universidade neste período, que foi acrescida nos anos posteriores em diversas áreas como grupos de danças, restauração de bens e documentação relativa à Ouro Preto e Mariana, associação educação e cultura, música, com forte inserção dos novos Institutos da Universidade, como o IAC (instituto de Artes e Cultura) e o ICHS (Instituto de Ciências Humanas e Sociais), que ainda atuam e apóiam a cidade.

Outras contribuições nem sempre reconhecidas

As “repúblicas” sempre foram importantes na conservação e na divulgação do patrimônio histórico de Ouro Preto, além de refúgio de estudantes que buscam um lugar para morar, viver e aprender.

Quanto à formação do sistema de repúblicas de Ouro Preto, a cidade passa a ser

a cidade das repúblicas, com um sistema estabelecido de casas com preços razoáveis, a partir da **transferência da capital de Minas para Belo Horizonte em 1897**, pois

“Ouro Preto tinha afamados credits educacional. Clima benigno, um tanto frio, excellente. Altitude de 1.100 metros. Agua abundante, das melhores do Brasil. Cidade pequena, de vida tranqüila. Ambiente acariciador. Familias affectuosas, acolhendo estudantes. Vida barata, tão barata, depois da mudança da Capital, que uma casa se alugava por 20\$000. Alguns predios cahiram e outros eram dados para moradia para se conservarem gratuitamente. Em “republicas” o estudante podia viver com apenas 100\$0000 mensaes! Estudava-se de graça na Escola de Pharmacia e na Escola de Minas!” (RACIOPPI, 1940, p. 13).

Ouro Preto era realmente um local ideal pois fornecia boas condições de permanência razoável durante todo o ano. Pedro Rache, formado em 1901 na Escola de Minas, relata sua experiência de estudante em Ouro Preto. Quando explica “a idéia de estudar em Ouro Preto”, este autor tenta explicar os motivos por não escolher a cidade do Rio de Janeiro, cuja Escola estava entre as oficiais de boas referências. Neste período, o conceito sobre Ouro Preto era o de cidade pequena, calma, clima excelente, com duas Escolas de alto nível. Travando contato com um colega, não estava este interessado em ir para o Rio de Janeiro, que estava infestada pela febre amarela e “era o terror dos estudantes riograndenses” (RACHE, 1954, p. 22):

“Todos os dias era eu surpreendido com a notícia da morte de algum colega ou conterrâneo, que dias antes, ao embarcar para o Rio, havia visto cheio de saúde e

contente, alimentando os mais belos sonhos do futuro, sem pressentir que dias depois, logo de chegada à Capital Federal, o terrível flagelo o aniquilaria para sempre” (idem, p. 22).

Os estudantes que vinham fora do Estado, geralmente faziam a opção de se dirigirem de trem até o Rio de Janeiro, e em passagem rápida, pegar um outro para Ouro Preto. Rache e seu amigo ficou impressionados quando fizeram um primeiro passeio por Ouro Preto, no final do século XIX, antes da transferência para Belo Horizonte. Não era tão atrasada quanto imaginavam: “Cafés! Esplêndidos cafés! Lojas de fazendas, armazéns de especialidades, gente de bom aspecto passando pelas ruas!” (*idem*, p. 30).

Porém, **a transferência da capital de Minas Gerais de Ouro Preto para Belo Horizonte** foi um grande problema para Ouro Preto. A Constituinte especial convocada especificamente sobre o assunto reuniu-se em

Barbacena no ano de 1893, com a presença de muitos ouro-pretanos ou de seus defensores que em vão não conseguiram barrar a transferência. Essa transferência para a nova capital despovoou a cidade de Ouro Preto. Funcionários públicos, militares, muitos comerciantes, famílias inteiras partiram para Belo Horizonte (Curral Del Rey). Os políticos que impediram a mudança não tinham conseguido seu feito, entre eles, Costa Sena, Rocha Lagôa e Camilo de Brito. Ouro Preto parecia de uma hora para outra se tornar o símbolo do atraso, da Monarquia e da anti-modernização perante a sua tradição.

Nos seus dois últimos anos de capital do Estado de Minas Geraes, em 1896 e 1897, Ouro Preto se preparava para ver o governo se transferir para a cidade de Minas, hoje Belo Horizonte, onde se installou a 12 de dezembro de 1897. O commercio em apprehensões. O functionalismo, as repartições publicas, os escriptorios e os homens de negocios em perspectivas de mudança. A vida social em discreto retrahimento. Dominava o ambiente

de tristeza desanimadora. Demonstrava a gente ouropretana, em contraste com o entusiasmo dos mudantistas ou mudancistas, a invencível melancolia dos que vêem um ente querido partir para não mais voltar (RACIOPPI, op. Cit, p. 49).

Por outro lado, os imóveis disponíveis em Ouro Preto tornaram-se fartos. Muitas destas casas foram cedidas ou ocupadas pelos estudantes, que a mantinham. Parece-nos que daí acontece sua fama de cidade ideal para se estudar. Quanto às casas cedidas, as famílias a liberavam porque era melhor deixá-los nas mãos dos estudantes que a cuidariam do que deixar desabá-las ou ser ocupadas por estranhos. A desvalorização dos imóveis era às vezes tão gritante que achavam melhor deixar de quitar os impostos, pois não compensava. O fim do século seria o fim de Ouro Preto e o fim do mundo? Em outros cantos a *belle époque*, a euforia do mundo. O temor de outro.

O **REMOP**, Restaurante universitário, é inaugurado em 1959. Sua instalação aconteceu

no antigo prédio do Fórum, incendiado em 1949. Todo reconstruído, com a ajuda da Escola de Minas e de ex-alunos contatados pelos estudantes, passou a sediar duas importante entidades estudantis simultaneamente: o Restaurante e o Centro Acadêmico da Escola de Minas. Foi outra grande contribuição dos estudantes e das repúblicas.

Quanto às repúblicas estudantis, já citamos que o seu começo foi no final do século XIX, quando da transferência da capital de Minas Gerais de Ouro Preto para Belo Horizonte. Porém, os estudantes continuaram a ocupar importantes imóveis da cidade de modo a preservar as casas. A “Castelo dos Nobres”, fundada em 1919, é um dos grandes exemplos. “No caminho das Lajes note-se o belo sobrado, que foi residência da família Mota. Pertenceu ao Barão do Saramenha e abrigou uma república de estudantes, o ‘Castelo dos Nobres’” (BANDEIRA, 1967, p. 83).

A Arca de Noé, de 1927, cujo primeiro local foi a casa que pertenceu ao inconfidente Tomás Antônio Gonzaga (atual Secretaria de Cultura e Turismo de Ouro Preto) na Rua Cláudio Manoel, outro exemplo importante.

A partir dos anos 1940, no clima de preservação da cidade iniciada principalmente por Manuel Bandeira na década passada, surgem entidades de assistência estudantil cuja principal função é a compra ou construção de casas para estudantes, tais como a **Casa do Estudante de Ouro Preto e a Casa do Estudante da Escola de Minas**. Repúblicas abrigadas em grandes casas como Canaan, Vaticano e Sparta ou construídas como Pureza, Reino de Baco e Formigueiro.

Devemos destacar que os recursos trazidos para Ouro Preto em função da Casa do Estudante da Escola de Minas apoiaram significativamente a preservação de casas históricas. Seus primeiros recursos, totalizando noventa e cinco mil e oito cruzeiros e noventa e oito centavos

(CR\$95.008,98), foram oriundos dos seguintes fundos:

- Consórcio Administrativo de Empresas de Mineração (CADEM) - CR\$20.000,00;
- St. John de Rey Mining Company Limited CR\$20.000,00;
- Companhia Minas da Passagem - CR\$20.000,00;
- Mineração Geral do Brasil - CR\$15.000,00;
- Companhia Cimento Portland Itau - CR\$5.000,00;
- Comendador José Martinelli - CR\$5.000,00;
- Companhia Geral de Minas - CR\$5.000,00;
- Carbonífera Brasileira S.A. - CR\$2.000,00;
- Companhia Carbonífera do Cabuí - CR\$2.000,00;
- Companhia Nacional de Ferro-Ligas - CR\$1.000,00.

Com dificuldades de manutenção das repúblicas estudantis, principalmente no que tange às reformas, a Casa do Estudante de

Ouro Preto, em 07 de julho de 1975 transfere para o patrimônio da UFOP as seguintes repúblicas: Tabu, Canaan, Quitandinha, Sinagoga, Consulado, Verdes Mares e Pif-Paf

Voltando um pouco à década de 60, neste período há uma compra sistemática de repúblicas pela Escola de Minas e pela Escola de Farmácia, motivada tanto pela reivindicação estudantil como pelo encontro de preços razoáveis de imóveis na cidade de Ouro Preto, além das verbas disponíveis para investimentos.

A compra de casas pelas Escola de Minas e de Farmácia seguiu critérios como a falta de casas por muitos estudantes aliada à integração dos mesmos na cidade. Segundo o depoimento de Ivo Porto de Menezes:

“Os estudantes tinham dificuldades (de moradia) porque, se inicialmente alugar uma casa em Ouro Preto era barato, A medida que a cidade foi sendo conhecida, foi sendo mais divulgada, foi ficando mais caro, foi

se tornando mais difícil. (...) A intenção maior que tinha era não isolar os estudantes da cidade” (*MENEZES, 30 de dezembro de 2002*).

Este clima de compra de repúblicas foi antecedido pelo movimento de estudantes reivindicando repúblicas, com a liderança do Diretório Acadêmico da Escola de Minas, que montou um acampamento na Praça Tiradentes. O resultado imediato deste protesto foi a compra de diversas casas para abrigar repúblicas pela própria Escola de Minas, que mesmo com poucos cursos, tinha uma boa parcela das verbas do Ministério da Educação e de outros setores do Estado. Algumas outras casas, adquiridas pela Escola de Minas para outras finalidades, também foram ocupadas por estudantes, pois o número não era suficiente para todos mesmo com estas aquisições. Abaixo as repúblicas adquiridas entre 1950 e 1980 (3):

Muitos imóveis sofreram imensas reformas após a sua compra, antes de sua cessão definitiva para os estudantes. A República Aquarius é um destes exemplos, pois foi adquirida em 1968 e reformada logo em seguida para se tornar uma república de professores da Escola de Minas. Em 1969, em plena reforma, foram ocupadas por estudantes “sem teto”, e em 1970, foi cedida oficialmente aos estudantes.

Em 1975 é apresentada uma pesquisa da Fundação João Pinheiro (FJP, 1976), que aborda rapidamente o sistema de repúblicas sob três pilares: 1) o ponto de vista urbano 2) o ponto de vista estudantil 3) o ponto de vista da UFOP.

O primeiro aspecto é dado pela vitalização imprimida ao cotidiano urbano, como na ocupação e na conservação de parte importante do patrimônio histórico. Outro aspecto é a incrementação participativa dos estudantes em atividades culturais como campeonatos desportivos, atuação em grandes eventos comemorativos, além da improvisação

festiva, típica dos alunos e jovens. Nesse aspecto, a existência das repúblicas é um mecanismo de atuação do estudante, que já é um benefício social à cidade.

Do ponto de vista da UFOP, no que concerne ao aspecto operacional, segundo o relatório, ao invés da universidade se responsabilizar por um possível alojamento no campus do Morro do Cruzeiro, o atual sistema é de baixo custo, pois se não fosse assim, a Universidade precisaria se empenhar ainda mais na conservação, uma vez que os republicanos e as republicanas assumem hoje boa parte desse ônus.

O Movimento por Ouro Preto, segundo os depoimentos de Alckimin e Cassino, nasceu nas discussões estudantis de 1976, também envolvendo outros setores intelectuais e políticos da cidade. Percebendo uma descaracterização da cidade e do aumento da poluição, os membros do movimento promoveram uma série de debates, coleta de assinaturas e passetas denunciativas, cuja mensagem retomava o antigo movimento

iniciado décadas atrás por Manuel Bandeira, cujo *slogan* era caracterizado na seguinte expressão: “Meus amigos, meus inimigos, salvemos Ouro Preto”. O resultado de tais eventos não foi imediato, porém conseguiu adeptos e uma maior atenção da cidade quanto ao seu papel cultural.

Enfim, sobre a conservação do patrimônio histórico de Ouro Preto e os estudantes, na dissertação de Meniconi é retratada a importância da Escola de Minas e das repúblicas neste aspecto: “A Escola vai manter viva a cidade, devido a sua fundamental importância na vida econômica e social e à conservação das repúblicas e do antigo Palácio” (MENICONI, fevereiro de 2000, p.55).

Um tema na Atualidade

Através das lições da história realmente poderemos compreender que a presença das “repúblicas” de estudantes no centro histórico de Ouro Preto é sustentável do ponto de vista

arquitetônico, cultural e social, pois estas casas e seus estudantes se tornaram parte integrante da comunidade, da cidade, do Estado, do País e do mundo.

Se tomarmos a opinião sobre os viajantes, de ontem e de hoje, as repúblicas são consideradas pontos de importância cultural na cidade de Ouro Preto. Tomamos dois exemplos, respectivamente, de 1948 e 2002.

Para Rachel de Queiroz,

“E no meio das pedras mortas e das casas vazias, vereis por tôda parte os estudantes de Ouro Prêto subindo e descendo as ladeiras, enchendo os cafés, tão anacrônicos e ao mesmo tempo tão bem situados naquela cidade que é sua, quanto a passarinhada da serra que faz algazarra nos beirais das velhas igrejas; ouvireis suas serenatas e seus discursos filosóficos, e depois no ar frio da serra a lua subir, iluminando as tôrres redondas de São Francisco, o Alto da Fôrca e o Morro da

Queimada, e sentireis que o mundo não são apenas aquelas loucas cidades onde vivemos, não é só competição, dinheiro ou política, mas também êste silêncio, esta beleza, esta paz”.

Para o português Elísio Estanque,

“Quando este Verão passei pela cidade universitária de Ouro Preto, no Brasil, pude constatar o importante papel que aí desempenham as cerca de 200 Repúblicas, que são hoje uma imagem de marca daquela Universidade, com um papel decisivo no trabalho de recuperação urbana das casas e da cidade – que é património mundial” (ESTANQUE, 2002).

Tais opiniões estão embasadas em fatos concretos e oriundas de pessoas com larga visão crítica sobre a realidade. Além do mais, as repúblicas são importante ponto de intercâmbio dentro da universidade, quanto de ex-alunos como de turistas.

Quanto ao primeiro item, os ex-alunos, é nas repúblicas que atualmente seus ex-moradores que atualmente são empresários, executivos, pesquisadores, funcionários públicos, professores etc. passam quando voltam à cidade. É dali que o contato do estudante com o mundo do trabalho ocorre em primeiro lugar.

Em relação aos turistas, as repúblicas oferecem hospedagem e intercâmbio cultural importante:

“Recebendo turistas, à maneira dos albergues da juventude, as residências estudantis puderam comprar grandes refrigeradores e outros aparelhos pertinentes. Tornaram-se, de fato, opção de hospedagem alegre, descontraída e barata no parque hoteleiro de Ouro Preto” (OSWALDO, setembro de 2002).

A UFOP, desde 1997 pouco contribui com as obras em “repúblicas”. Primeiro, pela

perda de profissionais da área e a impossibilidade de realizar novas contratações. Ademais, uma nova perspectiva adotada pela administração central da Universidade, ou seja, a expansão do campus do Morro do Cruzeiro como prioridade dentro do crescimento do número de cursos, propiciou a realização de infra-estrutura necessária ao atendimento apenas das instalações universitárias agregadas, enquanto os imóveis espalhados por bairros como centro, Rosário, Água Limpa, Antônio Dias e outros ficaram sob a responsabilidade de seus usuários, pois são imóveis públicos que estão sob a responsabilidade dos estudantes, embora contem com o apoio dos antigos moradores.

Por outro lado, como a manutenção destes imóveis, que sempre foram da responsabilidade dos estudantes, com a pouca participação da universidade na sua realização, os estudantes têm recorrido aos ex-alunos através de doações, assim como agido na promoção de festas tradicionais como forma de arrecadação de recursos.

Os cortes freqüentes de orçamento das universidades federais em nada contribuem para as obras em “repúblicas”, levando-se em consideração o excelente trabalho desenvolvido pelos estudantes, geralmente a custo de muito sacrifício pessoal, motivados pelo “espírito da tradição”, ou seja, herdaram um patrimônio e precisam repassá-lo as novas gerações.

A UFOP compreende a importância das “repúblicas” e desta forma está buscando formas de resolver o problema de obras nestas casas. Com a possibilidade de inscrição de projetos na Lei de Incentivo à Cultura, e a captação de recursos que serão abatidos no imposto de renda de pessoas físicas e jurídicas, certamente esta será uma forma de resolver o problema de obras e ao mesmo tempo de buscar parcerias com ex-moradores, que estão em empresas públicas e privadas.

Mas em nenhum momento o Estado brasileiro poderia abandonar a conservação das repúblicas de Ouro Preto, que é um patrimônio histórico e foi construído por

várias gerações de estudantes, professores e funcionários.

Conclusões

O presente texto é uma das contribuições que pretendíamos realizar. Situamos ao longo da história um pouco dos papéis assumidos pelos estudantes e outros setores da universidade em defesa do patrimônio histórico e artístico nacional. Um tema de pesquisa que ainda exige o aprofundamento por meio de tantas outras pesquisas.

UMA CIDADE DE ESTUDANTES: A EXPERIÊNCIA SECULAR DE OURO PRETO

Otávio Luiz Machado

A cidade de Ouro Preto completou mais de 300 anos de existência. É uma cidade em que convivi há mais de 100 anos com uma vida estudantil singular, que é identificada nas casas conhecidas como “repúblicas”, nas festas tradicionais lideradas por estudantes e na presença constante dos jovens em todos os cantos da cidade.

Uma parte dos imóveis que foram praticamente abandonados após a transferência da capital para Belo Horizonte – que se tornaram fartos no final do século XIX e início do XX – foram ocupados por diversos estudantes de Ouro Preto que, além de contribuir para sua conservação, também permitiu o começo da formação de uma imagem de “cidade de estudantes” à antiga capital.

O início da organização de um sistema de “repúblicas” com imóveis permanentes para os estudantes ocorreu nos anos 1930, quando o Diretório Acadêmico da Escola de Minas empreendeu intercâmbio com a Casa do Estudante do Brasil, cuja sede era no Rio de Janeiro. Como providências tomadas pela Casa do Estudante do Brasil à iniciativa dos estudantes de Ouro Preto, foi construído um projeto para a cessão de casas aos estudantes, mas dentro de um processo muito vagaroso, conforme ofício datado de 9-3-1938, que foi assinado pelo Secretário Geral da Casa do Estudante (Nelson Ferreira):

“Comunica que, embora esteja empregando todo o empenho para cooperar na campanha pela Casa do Estudante de Ouro Preto, ainda não conseguiu a audiência pedida ao sr. Presidente da República, e aguarda que ella seja marcada para fazer entrega dos documentos desse Directorio em favor util e generosa iniciativa”.

Os estudantes também tiveram presença no debate sobre a regulamentação da profissão do Engenheiro (de 1933), no debate educacional do Estatuto das Universidades Brasileiras (de 1931) e na melhoria do ensino na principal instituição educativa da época, que lhes rendeu uma importante homenagem num dos jornais da época:

“Em Ouro Preto não se dá o estacionamento. Tanto na Escola de Pharmacia como na grande Escola de Engenharia, reina, o anno inteiro, a disposição, a harmonia, a persistencia, a actividade laboriosa e empreendedora de uma colmeia. Ouro Preto é uma colméia, a esplendida colméia intellectual e juvenil do nosso paiz. Já não é a primeira vez que aquelles moços dão exemplo de trabalho e de brio aos governantes de nossa terra! Já no anno passado, creio, ouviu-se o grito de alarme dos estudantes da Escola

de Minas contra a invasão de professores sem concurso, ocupando as cadeiras da Escola. Depois o protesto vehemente contra a despresível promoção por “decreto”. E foi sempre assim, sempre que o commodismo utilitarismo e a cegueira dos que “mandam”, pretendem aviltar a e desmoralizar a classe estudantina, lá vem o protesto vehemente, conformante daquelle pugillo de moços, conscientes e briosos do que fazem” (Artigo “Os estudantes de Ouro Preto”, jornal “A Imprensa”, 09-12-1934, assinado por A.M.A.C.)¹.

Na década de 1930, como ainda é pouco divulgado, os estudantes ainda fundaram a Revista da Escola de Minas (que é uma das primeiras revistas científicas do Brasil desde

¹ A versão completa do artigo está em: <http://exalunosdeouropreto.blogspot.com/2010/03/artigo-os-estudantes-de-ouro-preto.html>

1936), a Sociedade Excursionista Espeleológica (que ajudou a difundir a nova ciência no Brasil desde 1937), o Diretório Acadêmico da Escola de Farmácia (de 1931) e o Diretório Acadêmico da Escola de Minas (de 1931), sem falar na recuperação do Centro Acadêmico de Ouro Preto (fundado em 1915).

Foi também uma década marcada pela fundação ou consolidação de várias repúblicas estudantis que ainda existem nos dias de hoje, como a Arcá de Noé, Consulado, Canaan, Castelo dos Nobres e Vaticano, assim como pela intensa divulgação de Ouro Preto como “cidade dos estudantes”. Um dos maiores divulgadores dos estudantes foi o magnífico escritor Manuel Bandeira. Incluindo a vida universitária no seu famoso “Guia de Ouro Preto” (1938), Bandeira escreveu um texto intitulado “de Vila Rica de Albuquerque a Ouro Preto dos Estudantes”, que incluí os estudantes na própria história de Ouro Preto.

“Não se pode dizer de Ouro Preto que

seja uma cidade morta. Morta é S. João d'El-Rei. Ouro Preto é a cidade que não mudou, e nisso reside o seu incomparável encanto (...) Em Ouro Preto ainda se recorda a sua elegância impecável, o requinte das suas roupas e das suas maneiras. No seu tempo a cidade vivia ainda com um certo brilho mundano que a mudança da capital arrebatou. Hoje ela é a cidade dos estudantes. São êles que lhe dão vida e animação. Depois do jantar descem o rapazes das Lages, onde as repúblicas alternam com os casebres das mulatinhas besuntadas de rouge e pó de arroz, e vêm cruzar as calçadas e encher os cafés tão simpáticos da rua de S. José. Está claro que as mocinhas da cidade estão por alí também, passeando de braço dado. Naturalmente que se namora... Não há mais ouro, mas ainda lhe resta à Imperial cidade essa outra coisa mais preciosa que o ouro - mocidade, sorriso da velhice da Vila Rica de Nossa Senhora do Pilar”

(BANDEIRA, Manuel. “De Vila Rica de Albuquerque a Ouro Preto dos Estudantes. In: Crônicas da Província do Brasil”, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1937, p. 9-32).

Dez anos depois, a escritora Rachel de Queiroz também publica texto que manteve opinião semelhante à de Bandeira. O registro de uma viagem sentimental de uma das nossas principais escritoras a Ouro Preto, nos anos 1940, também não deixou esquecidos os estudantes da cidade, que até hoje não passam despercebidos por qualquer turista:

“E no meio das pedras mortas e das casas vazias, vereis por tôda parte os estudantes de Ouro Preto subindo e descendo as ladeiras, enchendo os cafés, tão anacrônicos e ao mesmo tempo tão bem situados naquela cidade que é sua, quanto a passarinhada da serra que faz algazarra nos beirais das velhas igrejas;

ouvireis suas serenatas e seus discursos filosóficos, e depois no ar frio da serra a lua subir, iluminando as tôrres redondas de São Francisco, o Alto da Fôrca e o Morro da Queimada, e sentireis que o mundo não são apenas aquelas loucas cidades onde vivemos, não é só competição, dinheiro ou política, mas também êste silêncio, esta beleza, esta paz” (QUEIROZ, Rachel de. “Ouro Preto”. In: O Cruzeiro, 01/05/1948, p. 90).

Os estudantes, que foram fundamentais para manter a cidade viva desde a transferência da capital de Minas Gerais (em 1897), portanto, começam nos anos 1930 a construir um sistema de repúblicas com imóveis permanentes que favorece a criação da imagem de “cidade de estudantes” à Ouro Preto.

Os primeiros resultados do protagonismo estudantil só começam a aparecer nos anos 1940, com a criação da Casa do Estudante de

Ouro Preto, seguida da Casa do Estudante da Escola de Minas nos anos 1950, da compra sistemática de casas para repúblicas nos anos 1960.

Nos anos 1960, a preocupação com a expansão da educação superior foi assunto relevante tanto na gestão de João Goulart, quanto de Castelo Branco. As suas políticas públicas projetavam que, em 1970, o Brasil estaria recebendo, na educação superior, 50% dos estudantes que concluiriam o grau médio em 1969, bem como manteriam 30% dos professores e estudantes em regime de tempo integral, metas que não foram alcançadas.

Em Ouro Preto, a falta de moradia foi discutida pela congregação da Escola de Minas em 1962, pois, sem a resolução deste problema, analisava-se de que não haveria possibilidade da vinda de novos estudantes e professores, o que significava o estagnamento da instituição.

No ano seguinte, este debateu ocorreu também na Comissão de Administração da Escola de Minas, e um dos debatedores, o

Prof. Joaquim Maia, lamentava que a Congregação da Escola estivesse insensível ao seu apelo no sentido de crescimento do número de estudantes, e discordava dos seus colegas que argumentavam que "Ouro Preto não dispõe de alojamentos suficientes e condignos para maior número de professores e alunos" (Atas da Comissão de Administração da Escola de Minas, em 03 de setembro de 1963).

O debate permitiu o surgimento de medidas concretas a partir de 1965, com a apresentação do anteprojeto da obra de construção da "cidade universitária da Escola Federal de Minas de Ouro Preto", pelo escritório técnico do famoso arquiteto Sérgio Bernardes, feito a pedido da Fundação Gorceix, em parceria com a Escola de Minas, e que previa também a construção de moradia para estudantes. As obras ocorreram em seguida, mas passaram por problemas em decorrência do não cumprimento de normas do Instituto do Patrimônio. Da mesma forma, surgiu o debate sobre a transferência de todas

as “repúblicas” para a cidade universitária que estava sendo construída, retirando todos os estudantes do convívio com a cidade, algo que não foi adiante, pois se teve a compreensão de que os estudantes também eram parte importante do conjunto da cidade de Ouro Preto.

Em 1969, com a criação da UFOP, a expansão do número de alunos de Engenharia e Farmácia foi natural, assim como a compra de mais residências para estudantes (com a reforma em diversos imóveis danificados).

Também houve um forte embate do Diretório Acadêmico da Escola de Minas (DAEM) com a reitoria no período. Os estudantes consideravam como princípio primordial a própria seleção dos moradores das repúblicas, justificando que

“A escolha dos novos colegas é de inteira competência e interesse dos elementos veteranos, com que conviverão, não cabendo, portanto, interferência de

elementos alheios a estas pequenas comunidades. A convivência entre seres humanos não pode ser imposta” (Ofício DAEM, de 23 de novembro de 1971).

Foi em plena ditadura civil-militar que a afirmação de princípios irretocáveis da vida estudantil foi objeto de luta dos estudantes, bem como aconteceu as piores atrocidades em nome da “democracia”: a invasão de repúblicas por militares e civis, prisões, torturas, preconceito e intimidação aos estudantes.

Outro importante movimento foi dado com a construção de casas no campus universitário nos anos 1980, que foi fruto da luta do movimento estudantil, também.

Com a ampliação do número de vagas da UFOP, nos anos 1990, a ocupação de imóveis particulares explodiu, e com ele o aumento significativo dos conflitos entre estudantes e os moradores antigos da cidade.

A UFOP continua a se expandir nos dias de hoje, seja em Ouro Preto, seja em campus

pelo interior do Estado, mas é difícil que a tendência de crescimento sofra grandes abalos nos próximos anos.

A instalação de vários campi avançados da UFOP pelo interior de Minas Gerais talvez seja a hipótese mais provável para o crescimento da UFOP. A cidade-sede certamente terá crescimento reduzido se comparado com as outras cidades. Se houver dificuldades da cidade em apoiar o crescimento da UFOP - e continue a implacável campanha contra a instituição via perseguição aos estudantes das repúblicas estudantis federais -, o mais provável é que o seu crescimento ocorra em sua grande parte fora das fronteiras de Ouro Preto. A população oriunda de camadas econômicas disprivilegiadas certamente terá muito a perder.

Anos atrás conversei com um reitor de uma das principais universidades brasileiras sobre a questão das moradias estudantis. Ele não hesitou em dizer que se tivesse uma verba de um milhão de reais não investiria em

moradias universitárias, mas a usaria para abrir uma extensão de sua universidade em outras cidades. A interiorização é uma tendência. Ao invés de sair suas cidades, os estudantes cada vez mais terão chances de estudar em sua própria cidade. Ouro Preto dificilmente perderá a fama de cidade estudantil, mesmo que o número de repúblicas permanentes da própria universidade a cada dia esteja inferior ao número total de outros tipos de moradia, o que aumentará a pressão para que os estudantes desocupem os imóveis do centro histórico ou transformem os imóveis em alojamentos sem identidade e padronizados.

Não nos causa estranheza a impossibilidade de algumas pessoas – que ameaçam atualmente as repúblicas – de convivência com os estudantes no mesmo ambiente, de respirar do mesmo ar e de trabalhar de forma coletiva para o crescimento da cidade.

Também é muito estranho que o critério socioeconômico seja novamente posto como a

solução da alocação das vagas nas repúblicas, bem como a forma de atender aos estudantes oriundos das camadas baixas, mas que desconsidera a particularidade de cada república, a autonomia conquistada pelo movimento estudantil, a aprendizagem extra-curricular, a relação singular com a sociedade, o interesse dos estudantes nesse tipo de moradia e a experiência acumulada bem sucedida ao longo de décadas.

O pior de tudo é ignorar a escolha da melhor moradia pelo próprio estudante. A instituição é quem faz o acompanhamento por meio de profissionais como de psicólogos, assistentes sociais, pedagogos e tantos outros, principalmente numa universidade que oferece diversas condições de moradias para seus estudantes.

A convivência entre estudantes de origens econômicas, sociais e culturais diversas é a razão de ser de uma república de estudantes e da própria Universidade. Acabar com as repúblicas é promover o enterro da história da própria instituição, é ignorar a luta dos

estudantes para a conquista das casas e é uma ingratidão com os ex-alunos (que contribuíram com a conservação dos imóveis e apoiaram a cidade em diversas oportunidades).

Esperamos que os regimes autoritários não prosperem nunca mais. E que ao invés da padronização dos comportamentos e a redução das pessoas a meros servos (conforme o posicionamento de poucos), seja dado de fato espaço à diversidade, ao protagonismo, à irreverência e à criatividade dos nossos jovens como é inegável nas repúblicas de Ouro Preto. Retroceder nunca, render-se jamais.

UM PRIMEIRO ROTEIRO PARA A COMPREENSÃO DA HISTÓRIA DAS REPÚBLICAS DE OURO PRETO

Otávio Luiz Machado

No momento em que a Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) possui as melhores condições de dar um salto para ampliar sua contribuição à educação brasileira, o que percebemos mais uma vez é uma intensa campanha contra a instituição.

Fui ex-morador de uma república num momento em que representávamos 1% da população estudantil da UFOP (a República Aquarius), o que indicava claramente a insuficiência do número de estudantes e da variedade de opções de cursos há poucos anos atrás.

Como a expansão da UFOP está incomodando bastante alguns grupos que não possuem legitimidade para falar em nome do “povo de Ouro Preto”, o linchamento das repúblicas federais foi a forma encontrada por

tais setores minoritários para barrar o projeto dos inconfidentes, que era criação de uma grande universidade em Ouro Preto. Com uma posição implacável contra a instituição através de ataques às repúblicas, na fala desses grupos não há espaço para o aperfeiçoamento, o diálogo aberto, o respeito à história de vida de milhares de ex-alunos e um mínimo de solidariedade aos “de baixo” da cidade.

O que é mais mesquinho em tudo que acompanhamos, além do egoísmo natural dos que não pensam na população mais desassistida que precisa de uma universidade com mais cursos e estudantes para ser capaz de construir e executar mais projetos em prol dos interesses da sociedade, é o uso político da história, a celebração do esquecimento e a inserção de interesses político-partidários acima dos interesses maiores da população.

Ao invés de ouvirmos uma vanguardinha que grita usando o nome do “povo de Ouro Preto”, acredito que seria mais justo que déssemos voz aos setores mais

explorados da população para opinarem sobre quem saiu prejudicado com a interrupção do carnaval de 2010. E que respondam aos demais setores da sociedade o seguinte: quem sairá mais prejudicado com o fim das repúblicas federais do centro histórico da cidade (os primeiros passos buscando efetivar tal arbitrariedade já foram dados)?

Como é natural existir nas leituras que fazemos diariamente de textos extremamente preconceituosos contra os estudantes de Ouro Preto e a instituição UFOP (uma das melhores universidades do nosso País), notadamente com o intuito de promover um conflito de membros da UFOP com os moradores da cidade de Ouro Preto, o que se percebe nas entrelinhas do seu discurso e do lugar social dos seus enunciadores é o descompromisso com a universidade pública, o mero interesse político-partidário e a busca de oportunidade de autopromoção com o assunto que sempre teve o imenso interesse da imprensa.

O argumento mais fácil de ser rebatido da minoria que diz falar em nome do “povo” é

aquele que anuncia os estudantes de Ouro Preto como atores nada importantes para a conservação do patrimônio histórico de Ouro Preto após a transferência da capital de Minas Gerais para Belo Horizonte, inclusive desvalorizando as enormes transformações na vida social de Ouro Preto após a transferência. O terreno da má fé encontrou aí o seu ponto mais alto.

Mas apresento alguns dados que podem ajudar a apontar importantes caminhos para o entendimento do assunto. Tais dados já foram utilizados nos livros REPÚBLICAS DE OURO PRETO E MARIANA: PERCURSOS E PERSPECTIVAS, REPÚBLICAS ESTUDANTIS DE OURO PRETO: TRAJETÓRIAS E IMPORTÂNCIA E REPÚBLICAS ESTUDANTIS DE OURO PRETO E A CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO DE PAÍS. Antes de prosseguir, o registro da nossa expectativa quanto aos novos trabalhos que possam surgir – para que tenhamos um pouco mais adiante avanços significativos nos

estudos da área – é fundamental. Mas o que de fato precisamos lutar é o domínio de uma gestão documental mais interessada em disponibilizar as fontes documentais para amplos setores da nossa sociedade no sentido de dar sua contribuição para a construção de uma sociedade essencialmente democrática. Para o devido conhecimento da história de Ouro Preto, além de uma infinidade de fontes que podemos recorrer, também se faz necessário a construção de um banco de som e de imagem até os períodos mais remotos que fossem possíveis. Pelos relatos dos ex-alunos da Escola de Minas de Ouro Preto que vivenciaram o período de transferência da capital, como é o caso de Pedro Rache (formado em 1901) e de Amaro Lanari (formado em 1909), bem como dos estudiosos do cenário ouropretano no período, Vicente de Andrade Racioppi (pesquisador e Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Ouro Preto nos anos 1930), Augusto de Lima Júnior (escritor e filho do juiz Augusto de Lima), Rodrigo

Meniconi (arquiteto, Professor e autor de estudo sobre o patrimônio histórico e artístico de Ouro Preto), José Murilo de Carvalho (Professor e Pesquisador da UFRJ), José Efigênio Pinto Coelho (Pesquisador e Restaurador), José Fiúza de Magalhães (Engenheiro e Escritor), Cyntia Veiga (UFMG) e Kleverson Teodoro de Lima (Mestre em História pela UFMG e Professor do IFMG), o que percebemos na riqueza dos detalhes apresentados nesses textos não deixam dúvidas de que a presença dos estudantes não pode ser em nenhum momento descartada ou negligenciada.

Também não podemos fechar os nossos olhos aos que buscam apresentar Ouro Preto como um espaço com forte contribuição dos estudantes para a sua paisagem urbana, como é o caso de Rachel de Queiroz (escritora), de Alceu Amoroso Lima (poeta, Professor e jurista) ou de Manuel Bandeira (poeta, escritor e funcionário do Departamento de Patrimônio Nacional).

Em ambos os casos, o que podemos perceber são as transformações que culminaram na formação de um sistema de repúblicas ao longo do tempo, pois a cidade conservou e também ampliou a sua imagem de “cidade dos estudantes”, tornando a contribuição dada a cidade pelos estudantes cada vez mais forte (como ainda se é nos dias de hoje).

Até o final dos anos 1950, como a cidade ainda não havia se recuperado totalmente da decadência provocada pela transferência da capital, acreditamos que iniciativas ousadas contribuíram decisivamente para a cidade de Ouro Preto. Foi justamente aí o começo da aquisição de casas com recursos da União, como é o caso do primeiro imóvel – de uma série de tantos – adquirido pela Escola de Minas em 1958, que foi destinado para a instalação de uma república.

Então, como a ocupação das casas foi fundamental para a conservação da cidade – a exemplo do que já vinha sido feito nas

décadas anteriores pelos estudantes nos prédios particulares –, o que podemos afirmar é que uma experiência acumulada durante décadas de forma bem sucedida deveria ser tratado com um pouco mais de respeito.

Não seria exagerado ressaltar que os estudantes e ex-estudantes deveriam ser tratados com um pouco mais de gratidão pelos que dizem “falar” em nome do povo de Ouro Preto, porque se os estudantes (hoje ex-alunos) – e as próprias instituições educativas da cidade – não tivessem entrado no circuito, o patrimônio histórico da cidade de Ouro Preto estaria parcialmente destruído nos dias de hoje.

Muitas repúblicas ‘particulares’ deixaram de existir ao longo de várias décadas, o que fica mais difícil sabermos o período de permanência, a quantidade de casas conservadas e o que foi feito detalhe por detalhe por cada conjunto de estudantes que habitaram diversos imóveis nos mais diversos locais, que não deixa de ser um fator em defesa da cidade.

Nos diversos documentos ou depoimentos se percebe a presença de gaúchos, cearenses, sergipanos, goianos, mineiros de regiões longínquas e tantos outros que moraram em repúblicas, como é o caso de Pedro Rache (ex-aluno formado em 1901), que nos apresenta a cidade no momento do debate sobre a mudança ou não para Belo Horizonte:

“Conservo vivas recordações esparsas dos venturosos dias da juventude. São recordações suaves, agradáveis, doces e encantadoras, em ligação com incidentes acadêmicos dos quais ocasionalmente participei. (...) Pouco depois da Proclamação da República, cogitou-se da mudança da Capital, atendendo às dificuldades naturais que impediam o desenvolvimento de Ouro Preto. Uma Constituinte especial foi convocada para tratar do problema. Reuniu-se em Barbacena. A luta entre o povo de Ouro

Prêto, que se sentia prejudicado com a iniciativa, e os partidários da mudança foi rude e intensa. Ouro Preto fêz-se representar na Constituinte por alguns dos mais graduados de seus filhos que lançaram mão de todos os recursos, em defesa do velho baluarte das liberdades públicas. Mas afinal foram vencidos pela maioria, e a transferência para Belo Horizonte foi definitivamente assentada e decretada. Isto não impediu que o povo de Ouro Prêto ficasse imensamente agradecido a seus defensores e lhes preparasse estrondosa recepção, por ocasião de seu regresso da campanha perdida. O entusiasmo era indescritível! Verdadeiro desabafo de protesto! O povo vibrou e o imenso cortejo de manifestantes deslocou-se da estação para o centro da cidade, entre estrondosas aclamações aos heróis, detendo-se em pontos pre-determinados para ser ouvida a palavra dos constituintes festejados. Rocha Lagôa,

Costa Sena, Camilo de Brito e alguns outros de cujos nomes não me recordo, eram os grandes heróis do dia. Deviam agradecer aquela estrondosa vibração da massa popular, reconhecida pela brilhante defesa de seus direitos. Era do programa” (RACHE, Pedro. Homens de Ouro Preto (Memórias de um estudante). Rio de Janeiro: A. Coelho Branco Filho Editor, 1954).

A partir da tese de doutorado da Professora Cyntia Veiga, defendendo que “nos pressupostos dos projetos urbanos elaborados ao final do século XIX, também estiveram embutidas as premissas de formação e educação do cidadão”, podemos ter importantes reflexões sobre o aspecto educativo que permeou tanto a transferência, inicialmente, como também se tornou um ponto que permeou o discurso dos que ali ficaram:

“A propaganda pela mudança da capital é

retomada logo após a proclamação da República (inclusive com uma representação dos estudantes mineiros da Faculdade de Direito, pedindo a mudança) e dirigida ao governo provisório de Cesário Alvim (...) Os grupos que aderiram à mudança, denominados “mudancistas”, eram liderados pelo republicano mineiro João Pinheiro e os contrários, anti-mudancistas, eram em geral elementos ligados ou residentes em Ouro preto que temiam uma derrocada total da cidade e reivindicavam mudanças e melhorias, não para outro local, mas para a própria capital de então” (Veiga, Cynthia Greive. “Cidadania e educação na trama da cidade: a construção de Belo Horizonte em fins do século XIX”. Campinas: Programa de Pós-Graduação em História da Unicamp, 1994. Tese de Doutorado).

No estudo de um pesquisador respeitado (além de importante restaurador de Ouro Preto), a situação da cidade após a

transferência da capital não estava nada boa para os que ali permaneceram:

“Ouro Preto entra em caos: falta d’água, funcionários da Câmara sem receber os salários, obras paralisadas, muito desemprego, estabelecimentos comerciais e hotéis fechando as portas; até o trem já não andava mais em seu horário habitual. (...) Até a paróquia de N. S. da Conceição ficou sem pároco por muito tempo, pois, não tinha recursos para sustentar um padre, isto em 1896” (PINTO COELHO, José Efigênio. A mudança da capital 1897-1987: um trabalho de restauração e pesquisa do arquivo da Câmara Municipal de Ouro Preto. Ouro Preto: Artes Gráficas Tiradentes LTDA, 1987p.5-6).

Também havia o risco de uma quase destruição da cidade de Ouro Preto no período da transferência da capital, considerando que

só em décadas recentes a defesa do patrimônio da cidade tornou-se um assunto mais consensual entre os diversos grupos sociais da cidade:

“Ouro Preto foi o cenário dos meus primeiros anos de vida consciente e onde passei os mais risonhos dias da existência, despreocupado e feliz, na sonhadora fase dos encantamentos infantis. (...) Quando se mudou a Capital para o antigo arraial do Curral Del Rei, surgiram, opiniões de que se deviam derrubar aqueles templos e edifícios principais, carregando-se a pedra para as construções da nova cidade. Felizmente apurou-se logo que a economia com os cavouqueiros seria menor do que custo do transporte das pedras em Ouro Preto para o Belo Horizonte. Pois a verdade é que por ocasião da mudança da capital para Belo Horizonte, deu-se fenômeno igual ao da remoção dos judeus para Babilônia. Antes , durante e depois

dessa transmigração em massa, os gemidos, murmurações e lamentos que se faziam ouvir, eram de cortar o coração. Houve mortes por paixão e saudade e muitas criaturas definhavam de melancolia de tal modo que se viram forçadas a, durante certo tempo, alternar a nova residência com a velha” (Lima Junior, Augusto de. “Serões e vigílias. (Páginas Avulsas). Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1952).

Para dois ex-alunos da Escola de Minas, que se debruçaram para escrever parte da história de Ouro Preto, as repúblicas estudantis tornaram-se um elemento dinâmico na cidade, cuja vida universitária foi integrada às outras tradições da cidade. Para José Fiúza de Magalhães,

“A cidade tem de mais típico o seu conjunto barroco, os museus, as igrejas e capelas e a vida universitária. (...) As

repúblicas são a tradição da cidade. Hoje existe o restaurante da Universidade (bandejão), mas até alguns anos atrás , cada República possuía sua própria cozinha, tudo administrado , em cada mês, por um “Presidente”, alternadamente. Cada República tinha 7 ou 8 membros, de acordo com o tamanho da casa e algumas ainda guardam este sistema. As Repúblicas deram origem a uma forma de vida típica da cidade. (...) Á época da mudança da capital, uns achavam que a cidade projetada para o sítio de Curral Del Rey não iria adiante, outros que Ouro Preto iria morrer. (...) O fato é que tanto Belo Horizonte progrediu, como Ouro Preto manteve-se impávida, seja por ter ficado com as suas tradicionais Escola de Farmácia e Escola de Minas e outras instituições de ensino, guardando a sua característica universitária, seja por continuar abrigando o 10º Batalhão de Caçadores, que mantinha o seu efetivo de uns 500

homens, com aportes de recursos e conseqüentes dispêndios na cidade. E ainda havia a mineração e outras atividades”. Magalhães, José Fiúza de. Ouro Preto: Casos, Canções e Emoções. Um relato do folclore, da boemia, do estilo dos estudantes e de emoções vividas. Rio de Janeiro: Forense, 1989, p. 4-6).

Para o outro ex-aluno, David Dequech, que produziu uma obra muito conhecida entre os mais antigos ex-alunos de Ouro Preto – que mesclou aspectos da história de Ouro Preto com o folclore estudantil –, as Escolas de Minas e de Farmácia marcaram a sobrevivência efetiva de Ouro Preto:

“Quando o Governador eleito, Crispim Jacques Bias Fortes, tomou posse em 7 de setembro de 1894, Ouro Preto possuía 18.000 almas. Aqui se desenvolvia a intelectualidade mineira, com a Escola de

Farmácia e a Escola Livre de Direito. Não era apenas a fama da vida acadêmica de Ouro Preto que atraía jovens de estados longínquos como o Rio Grande do Sul e Maranhão. (...) Desde agosto de 1897 funcionários e órgãos estão se transferindo para a nova Capital. A Central do Brasil colocou à disposição, pelo prazo de um mês, 24 carros para o transporte de pessoas, móveis, caixas com papéis do arquivo público, etc. Na estação, vivem-se momentos históricos da despedida. (...) Enquanto isso, em Ouro Preto, muitas casas são abandonadas , e a desvalorização dos imóveis é tão grande que muitas vezes nem compensa quitar os seus impostos. O comércio atacadista também se transfere. Os profissionais liberais são compelidos , em sua maioria, a buscar serviço fora dos limites da sua terra. (...) Ouro Preto resistiu. Transformou-se em cidade lírica, pacata, sem as lides políticas e comerciais que a

agitaram durante 200 anos e com os recursos urbanísticos que a nova Capital levaria ainda muitos anos para desfrutar. Cidade interiorana , mas ainda o centro cultural do Estado. A Escola de Minas transferiu-se para o antigo Palácio do Governo. Em torno dela e da Escola de Farmácia, com seus alunos, funcionários, professores e familiares, sobrevivia a antiga Capital” DEQUECH, David. “Isto Dantes em Ouro Preto. Belo Horizonte, 1984, p. 66, 80-81.

Na obra mais aprofundada sobre a história da Escola de Minas – produzida no contexto do resgate da história da ciência do Brasil levada adiante nos anos 1970 –, de autoria do Professor José Murilo de Carvalho, a origem dos universitários passou por significativa mudança no final dos anos 1890, tendo como principal clientela estudantes do próprio Estado:

“A partir da República e da mudança da capital de Minas para Belo Horizonte, há progressiva predominância de alunos originários do próprio Estado, que atinge um máximo de 80% no período que vai de 1912 a 1920. Ao mesmo tempo, há redução de cariocas e fluminenses e maior dispersão entre os Estados, com presença marcante de São Paulo, Rio Grande do Sul e Ceará. É provável que o significativo número de alunos de São Paulo se deva à proximidade geográfica e ao desenvolvimento econômico do Estado. Uma economia mais complexa aumentava a demanda por cursos superiores e abria perspectivas para novas especializações. Nos casos do Rio Grande do Sul e Ceará, só me ocorre como explicação o fato de serem dois Estados relativamente importantes em termos econômicos e populacionais que no Império não tinham escolas superiores e na República não tinham escolas superiores técnicas” (Carvalho, J. M. A

Escola de Minas de Ouro Preto: o Peso da Glória. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002, p. 100)

A situação de quase abandono da cidade de Ouro Preto com a diminuição da população, o que permitirá a abertura maior da cidade para sua vocação como “cidade dos estudantes”, aumentou o risco de não conservação do patrimônio histórico de Ouro Preto, o que podemos reconhecer desde então o trabalho iniciado pela Escola de Minas e das próprias repúblicas neste aspecto:

“Com a criação da Escola de Minas, patrocinada pelo Imperador e levada a efeito por Gorceix, irá consolidar-se uma nova vocação da cidade, que já sediava o Liceu Mineiro e a Escola de Farmácia, a de centro de formação e de estudo. A escola de engenharia , considerando a

industrialização da província e do país, destinava-se a formar agentes de modernização; com sua extensa e consistente formação técnico-científica e seu caráter operativo, seus alunos contribuirão nas mudanças da feição do país. Posteriormente a Escola vai manter viva a cidade, devido a sua fundamental importância na vida econômica e social e à conservação das “repúblicas” e do antigo Palácio” (MENICONI, fevereiro de 2000, p.55).

Na reocupação da cidade de Ouro Preto – com a presença dos estudantes nesse momento –, que também foi objeto de um importante trabalho produzido por um ex-aluno do ICHS da UFOP, o que se percebe é uma forte migração para a cidade:

“A segunda questão refere-se ao processo de reconstrução da vida social após a

migração de parte dos moradores de Ouro Preto para Belo Horizonte, outro tema tocado superficialmente pelas pesquisas rastreadas. Em 1890, sete anos antes da mudança da capital, a sede de Ouro Preto contava com 17.857 habitantes; três décadas depois esse número girava em torno de 11.857. Uma diferença, portanto, de 6.000 moradores (ou 34%) (Anuario Estatístico de Minas Gerais de 1921, Anno I, Belo Horizonte: Imprensa Oficial. 1921). Como esse percentual demonstra um número de evasão menor que o indicado no trabalho de Rodrigo Meniconi (45%), acreditamos, em sintonia com José Efigênio Pinto Coelho (1987), que a sede tenha absorvido novas levas de moradores após a fase do intenso abandono. Esse novo contingente foi composto pelas famílias que viviam nas regiões próximas a Ouro Preto e pelos estudantes que vieram ingressar, sobretudo, na Escola de Minas e na Escola de Farmácia (Jorge,1986; Coelho,1987; Carvalho, 2002; Machado,

2008).vi *Eles encontraram um cenário favorável às suas acomodações, já que a evasão levou ao abandono de parte dos imóveis, gerando o aumento da oferta de compra, venda e aluguel e, talvez a prática mais comum, a ocupação não autorizada das edificações. A antiga capital parece ter se reconstruído a partir desses três setores: os remanescentes, que permaneceram por razões distintas em Ouro Preto; os migrantes que vieram das regiões próximas; e as novas levas de estudantes, que se diferenciavam pela tendência de fixação temporária. Essa divisão tripartida não deve guiar o leitor à idéia de homogeneidade, já que esses setores se dividiam em grupos sociais distintos com discursos e interesses próprios. Diante da necessidade de reconstrução das redes de sociabilidade após a mudança da capital nos perguntamos: como se deram as relações de aproximação e estranhamento entre esses três setores? É possível identificar em seus valores e práticas*

culturais pontos de misturas, superposições e resistências? Que nova cidade surge nesse período?” (LIMA, Kleverson Teodoro de. “Reconstrução Identitária de Ouro Preto Após a Mudança da Capital”. Ver em: <http://www.ichs.ufop.br/memorial/trab2/h561.pdf>)

Nada mais significativo dos registros foi o depoimento do ex-aluno idealizador da Fundação Gorceix. No momento em que a Escola de Minas demonstrava a perda do seu antigo vigor, mais uma vez a questão da moradia estudantil foi trazida, tendo como parâmetro o início da formação de seu sistema de repúblicas:

“No meu tempo de estudante, o máximo de alunos que atingimos nas 6 séries foi o de 28, se bem me lembro; a cidade estava em plena decadência, devido à mudança da capital para Belo Horizonte e à transferência de grande parte da sua

população para a sede do Governo Mineiro. As casas, nem sempre habitáveis, sobravam; seu aluguel era irrisório e os pretendentes podiam usar do direito de escolha. De então para cá as coisas mudaram: o número de alunos cresceu, como cresceu, também, em proporção maior, a população da cidade. Dizem-me, a propósito, não sei de conhecimento próprio e não me levem a mal por isto, que a intenção é a melhor possível, que em Ouro Preto, atualmente, qualquer casinha de pau a pique é bangalô de Nhônhô, e sobrado e casa de pedra, solar de Sinhô, tais as alturas de seus preços e aluguéis. Esclareço, neste ponto, que considero sagrado e intocável o que existe em Ouro Preto de recordação do seu passado glorioso de Metrópole dos Mineradores, dos tempos áureos do século XVIII, do seu fausto e grandeza, de suas lutas, da Inconfidência e seus mártires, dos seus poetas, dos grandes homens que produziu e, também, do Ouro Preto que vivi, pobre e

exaurido, dos tempos de Gorceix e seus primeiros sucessores. Isto, entretanto, não significa que a cidade, preservado o monumento nacional, não possa crescer e abrigar, condignamente, os mestres e estudantes de minas” (Discurso de Amaro Lanari, no 12 de outubro de 1959. Publicado na Revista da Escola de Minas e no livro “Escola de Minas: palavras de devoção e amizade”, Ouro Preto, 1959).

A reação à iminente destruição da cidade de Ouro Preto pode ter sido mais significativa com um artigo de Tristão de Athaíde (Alceu Amoroso Lima) em 1916.

Suas palavras foram essenciais para a adesão de outros intelectuais à causa, que produziu importante estudo publicado em 1938 sob o título “Guia de Ouro Preto”. Manuel Bandeira provocou com uma importante convocação: “Meus amigos, meus inimigos, salvemos Ouro Preto”, No belo estudo de Bandeira apresenta um

imóvel (que permaneceu durante longas décadas abandonado):

“No caminho das Lajes note-se o belo sobrado, que foi residência da família Mota. Pertenceu ao Barão do Saramenha e abrigou uma república de estudantes, o ‘Castelo dos Nobres’” (BANDEIRA, Manuel. Guia de Ouro Preto. Ilust. De Luís Jardim. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1967, p. 83).

Outro texto de Manuel Bandeira, “De Vila Rica de Albuquerque a Ouro Preto dos estudantes”, publicado em 1937 no livro “Crônicas da província do Brasil”, mais uma vez a importância dos estudantes para a cidade é referenciada. Outro livro, agora de autoria de Gastão Sebastião de Souza, cujo título é “O Aleijadinho de Vila Rica” (de 1933), também é referenciada a “Ouro Preto dos estudantes”.

Também indicaria os diversos jornais que circularam em Ouro Preto no final do século

XIX, assim como os estudos apresentados na forma de teses, dissertações e monografias, que não deixam dúvidas sobre a importância histórica dos estudantes.

Tristão de Ataíde, o Alceu Amoroso Lima, havia manifestado, anos antes, a potencialidade de Ouro Preto para o ensino superior, através de artigo escrito para o GLTA:

“Pois aquilo que foi outrora S. Paulo, no tempo em que era a cidade dos estudantes, é hoje Ouro Preto. Seria aqui o lugar ideal para uma grande Universidade. E estou convicto que ainda o será algum dia no futuro, quando os políticos e educadores se convencerem que é nas cidades pequenas que se levantam, em geral, os maiores centros de estudos – Coimbra ou Salamanca, Oxford ou Bohuê, Cambridge (Harvard) ou Recife. Ouro Preto eis o ambiente ideal para uma grande Universidade, no dia em que houver clima,

no Brasil, para a verdadeira vida universitária, em que professôres e alunos, conjugados, viverão exclusivamente para as obras de estudo, de ensino e de pesquisa. Nesse dia, que é o alimento de nossa Esperança, a velha semente de Gorceix será o núcleo de uma vida intensa e profunda, em que milhares de estudantes farão de tuas montanhas as paredes de tuas Faculdades, de ciências e de Letras, em que as tuas ladeiras serão os caminhos para os passeios peripatéticos, em que teus monumentos serão os museus e as “repúblicas” desmanteladas de hoje serão as “fraternities” e as “sororities” de amanhã em que alunos e alunas, entre as casas de residência dos professôres, as salas de aulas, os laboratórios, os anfiteatros, farão da cidade outrora morta ou agonizante, o maior centro cultural de nossa terra. O passado será então a semente do futuro. O silêncio, os obstáculos naturais e a deslocação que haviam sido motivos de abandono, serão os próprios motivos da

preservação de um ambiente naturalmente adequado à sede de meditação e de estudo” (ATHAÍDE, Tristão de. “Saudação a Ouro Preto”. In: A voz do GLTA, ano I, n. 7, págs. 1 e 5out/nov. 1965).

Athaíde mais uma vez profetizava, porque durante poucos anos depois, a então recém-criada Universidade Federal de Ouro Preto (que teve a participação dos estudantes para a concretização de sua criação) realizava sua expansão e promovia uma reforma gigante nos imóveis das repúblicas. O registro de uma viagem sentimental de uma das nossas principais escritoras a Ouro Preto, nos anos 1940, também não deixou esquecidos os estudantes da cidade, que até hoje não passam despercebidos por qualquer turista:

“E no meio das pedras mortas e das casas vazias, vereis por tôda parte os estudantes de Ouro Preto subindo e descendo as

ladeiras, enchendo os cafés, tão anacrônicos e ao mesmo tempo tão bem situados naquela cidade que é sua, quanto a passarinhada da serra que faz algazarra nos beirais das velhas igrejas; ouvireis suas serenatas e seus discursos filosóficos, e depois no ar frio da serra a lua subir, iluminando as tôrres redondas de São Francisco, o Alto da Fôrca e o Morro da Queimada, e sentireis que o mundo não são apenas aquelas loucas cidades onde vivemos, não é só competição, dinheiro ou política, mas também êste silêncio, esta beleza, esta paz” (QUEIROZ, Rachel de. OURO PRETO. In: O Cruzeiro, 01/05/1948, p. 90).

Os dados apresentados acima integra um pouco do que foi pesquisado e ainda merece maiores aprofundamentos pelos novos pesquisadores, porque nosso principal objetivo nas pesquisas foi relacionar o movimento estudantil e a conquista das repúblicas.

Um apelo que deve ser feito no momento é que as fontes de pesquisas precisam estar disponíveis para novas pesquisas. É um esforço não só dos mantenedores de arquivos particulares por razões sentimentais, mas dos pesquisadores e das instituições. Só assim diminuiremos as enormes distorções quando falamos em divulgação da história das repúblicas de Ouro Preto.

**SEGUNDA
PARTE:**

**DEPOIMENTOS
E REMEMÓRIAS
DE UM TEMPO
QUE FOI**

OURO PRETO, A ESCOLA DE MINAS E AS REPÚBLICAS*

José Lourenço Mont´Alverne (Ex-Aluno da
República Verdes Mares)²

“Correi de leite e mel, ó Pátrio rios,
E abri dos seios o metal guardado;
Os borbotões de prata, e de oiro os fios
Saíam de Luso a enriquecer o estado”
(Cláudio Manuel da Costa em Canto Heróico)

Gigante monumento em forma de natureza, um museu a céu aberto, és tu, Ouro Preto! Ladeiras de pedras fecundas de versos, luminoso céu azul de planalto, reluzentes igrejas barrocas, alpendres e sacadas de nobres casarões coloniais. Como nau que desliza no tempo, pode todo o passado de esplendor estar de volta na expressão das esculturas de

² Retirado e editado do livro de comemoração dos engenheiros graduados pela EMOP em 1951, em 2001.

Aleijadinho, na memória dos pincéis de Manuel da Costa Ataíde, na Casa dos Contos, palco de trágicos episódios, no desejo de autonomia e nos sussurros abafados dos inconfidentes. De estilo barroco, maneirista ou rococó, a marca de sua arte, na precisão de pequenos pormenores, confirma a sentença de Guimarães Rosa: “Deus é detalhe”.

E já de início que sente o forasteiro a grandeza da terra e, mesmo sem saber, com ela inaugura um pacto de simpatia. Sob tênue luz de manhã, é brindado, já de longe, com montanhas negras encobertas pela neblina. Ao acordar do sol, realça na serra, no pico de Itacolomi, o dedo torto barroco, apontando para o céu. Nascestes, terra de ouro negro, sob o signo da pedra!

De suas minas, fez-se riqueza em Portugal, com folgado lastro para si e o resto do Brasil. Tais reservas mineralógicas, de subsolo e a céu aberto, fizeram-te escolhida por Claude-Henri Gorceix, engenheiro de minas francês convocado por Dom Pedro II, para criar uma escola de mineradores. Como

houvesse outras cidades candidatas, pesaram a teu favor a infra-estrutura, as vias de acesso, a marca de Vila Rica, capital do estado, mas também, tua fronte austera e hospitaleira. O antigo Palácio dos Governadores – edificado em pedra e cal, belo quartzito do Itacolomi – acolheu a Escola de onde brotaram grandes nomes da Engenharia brasileira.

Cidade e Escola moldando, como oleiros, o caráter de cidadão em barro jovem, advindo das mais diversas regiões do país. Colocando em nossas mãos um diploma pelos conhecimentos e técnicas que nos transmitiram, apostaram na transformação de estudantes em cidadãos conscientes do compromisso com a profissão. O elevado conceito da Escola funcionou, para os imberbes engenheiros, como um sobrenome, favorecendo contratos de trabalho antes mesmo da posse do diploma.

Como uma espécie de bandeirantes, esses profissionais foram responsáveis pelo mapeamento de quase todas as reservas minerais do país e contribuíram, de forma

determinante, para a instalação de parques siderúrgicos – desde a forja catalã até os grandes altos-fornos e aciarias – assim como foram de grande valia no trabalho de prospecção e extração de óleo nas bacias petrolíferas da Bahia e de Campos, de carvão nas jazidas do sul e de extração de ouro, prata e arsênico nos maciços das cercanias de Belo Horizonte.

A cidade de Ouro Preto, outrora Vila Rica, uma palavra de agradecimento. Gentilmente, acolheu-nos em seu casario, em repúblicas de estudantes. Moradias ruidosas, iluminadas até altas madrugada, mobiliadas com mesas, livros, papéis, e café, mantendo insone o acadêmico em maratona diária, intensificada às vésperas das provas.

Entre tantas, ressurgem a República Consulado da Paraíba, a República Verdes Mares, e a República Serigy marcos fincados por nordestinos que aportaram em terras ouropretanas, utilizando-se, muitas vezes, das mais estranhas espécies de transporte,

movidos pela fama da Escola, espalhada por todos os rincões do Brasil.

Lembranças às “Sá Maria”! Saudosas velhas cozinheiras dos confrontantes na iminência a passagem de algum sacro cortejo, sendo surpreendido pelo repentino fechamento das portas ou a fazer declarações de amor às Marílias da terra e de fora, aplaudidos por platéia de colegas em estrondosas gargalhadas.

O lirismo perfuma o ar. As mesmas correntes de ar, que motivaram casas germinadas, também fizeram ali circular o romantismo em todas as direções. Becos, pontes, chafarizes, sacadas e beirais contam histórias de Marília e Dirceu, versos talvez eternizados pela magia do cenário colonial de Vila Rica. Ah! Funesta inconfidência a garantir para o romance um trágico final: exílio do poeta e morte da musa solitária.

As lembranças de Ouro Preto, da Escola de Minas, das repúblicas, dos colegas, dos professores, das ladeiras, sobrados e igrejas tiveram que permanecer confiados ao baú da memória para ressurgir, sob a emoção, pela

escrita, cinqüenta anos depois. Nas palavras de Pedro Nava, “quem não tem suas madeleines?”, algo que penetra pelos sentidos e traz, em bloco, as lembranças em cores vivas, de toda uma cena e até então absolutamente inacessível, esquecida.

OURO PRETO, CIDADE DE TURISMO³

Estudantes Redatores da “Nossa Revista”
(Publicação Acadêmica de Ouro Preto)

Na festa de espirito e cordealidade que foi o jantar em que a turma de primeiro annistas da Escola de minas despediu-se da cidade ao debandar para as ferias, o representante de “Nossa Revista” sugeriu a idéia da fundação entre nós, de uma sociedade que se propuzesse fazer propaganda das possibilidades turisticas de Ouro Preto.

O Brasileiro desconhece o seu paiz. Avesso a grandes aventuras, si viaja vae certamente á Europa , com a necessaria escala pelas redacções dos jornaes cariocas ... Bruges, Weimar, Salamanca, até a porgugeza Guimarães, accendem nos “trotteurs” indigenas o entusiasmo ridiculo dos rastracueros. Si aquellas cidades são incrustações silenciosas do passado no tumulto dos tempos modernos, Ouro Preto é a

³ Nossa Revista (Publicação Acadêmica de Ouro Preto)
, ano 1, números 4, 5 e 6, mio, junho e julho de 1929.

testemunha viva do natal da patria brasileira. Enquanto o progresso material num esforço diuturno de renovação, vae apagando das grandes capitães historicas todos os vestigios daquella éra de dominio lusitano, em que sob o latego do despotismo, nascia a consciencia nacional; enquanto no artificialismo dos museus vae-se refugiando o que ficara de antanho – Nossa Senhora do Pilar de Villa Rica permanece estavel e firme. Os seus solares vetustos, as suas egrejas com frontarias magestosas e primores de talha e cunhaes de cantaria do Itacolomi ahi estão sob o azul impassivel do CEO , num desafio mudo ao camartello do tempo e da ignorancia. Em paizes cultos estas reliquias do passado attrahiriam certamente um enxame de excursionistas. No Brasil , porem, com excepção dos caixeiros viajantes, só viaja quem se dispõe a gastar alguns dias em tres ou quatro estações de aguas e jogo. Todavia, quando as condições de riqueza privada da população juntarem-se circumstancias favoraveis de viação, o turismo será

francamente praticado em nossa terra. E um dos centros de mais intensa actividade turistica será a nossa cidadezinha academica, incomparavel no seu clima, cheia de interesse historico e artístico, e onde em cada angulo de rua a legenda surprehende-nos com a emoção, a alma de patriotas. Para que Ouro Preto receba carinho especial de cada brasileiro, basta que a sua mentalidade media lhe permitta a plena consciencia dos deveres civicos ... **“A LIGA DE PROPAGANDA TURISTICA”**, trabalhará pelo seu ideal, como rendendo um tributo de veneração á terra que viu o martyrio de Philippe dos Santos, o drama de Marilia, o sonho libertario dos Inconfidentes.

UM DOS GRANDES CASOS DE MANIPULAÇÃO POLÍTICA NA QUESTÃO ESTUDANTIL

FONTE: Lima Junior, Augusto de. “Serões e Vigílias. (Páginas Avulsas). Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1952.

No dia 16 de maio de 1896, no interior do Café e Bilhares High-Life, à rua São José, Viriato Vargas e alguns companheiros, tiveram uma altercação com outro estudante, Carlos Prado, aluno da Faculdade de Direito, indo Viriato e Carlos Prado até um começo de luta corporal, logo apartada pelos demais companheiros de ambos os contendores. Dias depois, encontrava-se Viriato Vargas à porta do mesmo Café, quando Carlos Prado passou junto dêle –, lançando olhares provocadores e assobiando. Viriato encarando-o disse: – Quem assobia é moleque!... Carlos Prado voltando-se inopinadamente sacou de dentro do paletó um “stick”, de fios de aço trançados

com uma bola do mesmo metal na ponta e com êle acometeu Viriato, ferindo-o na cabeça com enorme e funda contusão, caindo Viriato por terra desacordado. Acorreram Salomão de Vasconcelos, Francisco Nunes e Mendes de Oliveira que impediram que Carlos Prado continuasse a espancar Viriato já por terra, e transportaram o ferido para a farmácia Otávio de Brito onde foi medicado. Ouro Preto, lugar pequeno, tomou rapidamente conhecimento do dissídio entre os estudantes, formando-se partidos pró e contra cada um dos grupos de contendores.

A política misturou-se ao caso e o ambiente de irritabilidade recíproca agravou-se pela intrigalhada. Muito jovem ainda, os participantes dêsse episódio, não tinham êles a experiência necessária para se furtarem às influências maléficas dos que por detrás das cortinas, escorados por posições sociais ou políticas, tem por hábito servirem-se dos desavisados moços para exercerem as suas covardes vinganças.

Foi nessa atmosfera de cochicos e frases irônicas, nos cafés e meios estudantis, que se agravou a tensão entre os moços citados.

Alguns dias depois do incidente ocorrido no Café High Life da rua São José, verificou-se a explosão dos ressentimentos acumulados e seguidamente super-excitados pelos eternos pescadores de águas turvas... A´ seis horas da tarde do dia seis de junho, de 1896, nas proximidades da Farmacia Catão, próximo da ladeira que vai até a Capela de São José, defrontaram-se os dois grupos de estudantes que andavam em dissídio. Caminhando em direção do Rosário, pela calçada do lado direito, ia Carlos Prado com alguns companheiros, quando pelo mesmo lado, em sentido contrário, seguiam Viriato Vargas, Fernando Kauffman e Balthazar Patricio do Bem. Cerca de dez passos mais para trás, iam Protasio Vargas, irmão de Viriato, e outros amigos, entre os quais, o de nome Francisco Schmidt.

Moravam os riograndenses no bairro no bairro da Água Limpa, no lugar denominado

Campo do Raimundo e era êsse o seu caminho habitual para o centro da cidade. Viriato que se considerava gravemente insultado por Carlos Prado, dias antes, na cena do Café High Life, encarou seu adversário com ar ameaçador, tendo o jovem paulista recuado dois passos fazendo menção que iria sacar uma arma. Ao mesmo tempo teria repetido uma expressão injuriósa com que já referira o outro no incidente do Café. Sem que houvesse tempo para qualquer intervenção de terceiros, trocaram-se tiros, entre os do grupo de Viriato e do seu antagonista, que caiu por terra ferido de morte. Evadiram-se, “in continenti”, os do grupo de Viriato sendo o infortunado Carlos Prado socorrido inutilmente na Farmacia Catão, morrendo pouco depois. Viriato fugindo, conseguiu chegar até a Farmacia de Otavio de Brito onde se medicou de um ferimento por bala e esteve oculto por mais dois meses, até conseguir evadir-se de Ouro Preto. o fato causou sensação pública como é natural. Organizaram-se bandos armados para caçar e liquidar os estudantes riograndenses,

considerados todos responsáveis pelo ato de alguns de seus co-provincianos. Êstes, acuados pelas tremendas ameaças , ocultaram-se uns, conseguindo outros sair de Ouro Preto aproveitando-se da noite, indo tomar o trem em distantes estações, da Central. Protasio Vargas, foi preso no dia seguinte pela manhã, quando tentava embarcar na estação de Tripui, vizinha de Ouro Preto. Foi reconhecido, segundo me informa Salomão de Vasconcelos, pelas iniciais P.V. que tinha bordadas no peito de camisa. Passou êle a ser figura central da mais desvairada campanha de ódios que se armou contra um jovem que toda a cidade sabia estar inocente nos sucessos, mas que se tornara um joquete de fôrças tenebrosas.

Todos em Ouro Preto conheciam os esforços de Protasio para acalmar os dissídios em que se empenhavam seu irmão Viriato e Carlos Prado. O Govêrno do Estado, envolvido nas paixões desencadeadas tomou posição ostensiva no caso. Aos funerais do inditoso estudante, compareceram o

Presidente do Estado, os Secretários, inclusive o Chefe de Polícia, todos se rezevando nas alças do caixão. A congregação da Faculdade de Direito, esteve presente, incorporada. Houve, porém, um professor, o de Filosofia do Direito, que não compareceu. Êsse professor chamava-se Antonio Augusto de Lima, era o Juiz de Direito da Comarca com jurisdição no Cível e no Crime. Essa ausência justificada pela mais elementar noção de decôro de um magistrado, passou a servir de pretexto a agitações insufladas nos meios acadêmicos da Faculdade de Direito por alguns despeitados por conta de terceiros mais graduados.

O Juiz de Direito de Ouro Preto era um homem incontrolável por poderosos ou por quaisquer interêsses imediatos ou remotos. Mestre na Faculdade de Direito, suas lições eram consideradas luminosas por quanto as ouviam ou liam nos folhetos onde apareciam taquigrafados pelo jovem Salomão de Vasconcelos, hoje nosso grande historiador. “Petit pays, petit esprit”, dizem os franceses. O “petit esprit”, fêz nascer a inveja, a inveja o

ódio e o ódio a calúnia. Foi desfechada então uma campanha subterrânea contra o Juiz de Direito que se excusara de comparecer ao entêrro da vítima de um crime que êle teria de julgar. Segundo a intriga circulante, a ausencia de meu pai aos funerais de Carlos Prado, era uma prova pública de solidariedade aos acusados, por serem êles riograndenses e meu pai ter sido colega e companheiro de casa de Julio de Castilhos em São Paulo. Ninguém se espante com uma tolice dessas. Mas era necessário desgostar o Juiz de Direito para obrigá-lo a afastar-se do cargo afim de que mãos menos rijas servissem aos designios de vingança das paixões excitadas.

Enquanto prosseguia o inquérito, faziam as autoridades, sob a vigilância severa do Govêrno, todos os esforços para envolver nas malhas do processo o maior número de estudantes riograndenses em Ouro Preto.

Os autos dêsse processo estão intactos no Cartório do antigo escrivão Agostinho dos Santos, e constituem documentos dos mais valiosos para o estudo da formação brasileira.

Com todos êsses, não puderam ser atingidos êsses objetivos. A prova foi reduzindo o número de acusados e, afinal a formação da culpa presidida pelo Juiz Municipal Dr. Alfredo Guimarães, tirou as últimas esperanças dos que pretendiam servir-se de um doloroso drama para intuitos políticos nacionais... O único indigitado preso era agora Protasio Vargas. Contra êle se concentravam as forças da vindicta superintendida agora pelo próprio Presidente do Estado, talvez iludido na sua boa fé.

Nenhuma prova foi colhida na formação da culpa sobre a participação de Protazio Vargas no conflito. Mas como os outros supostos responsáveis haviam fugido e Protasio era o único preso, contra êle se concentraram as atenções daquêles homens que se arvoravam em anjos vingadores da morte de Carlos Prado.

Foram pronunciados pelo Juiz Alfredo Guimarães, os indigitados Viriato Vargas, Balthazar Patrício do Bem, Fernando Kauffman, Protasio Vargas, e Francisco

Schmidt, e impronunciados dois ou três obscuros e vagamente referidos no processo. O refem Protazio Vargas, único recolhido à Cadeia Pública de Ouro Preto, sofria na prisão os vexames mais atrozes. Seu correspondente, um negociante do bairro de Antonio Dias, providenciara abrigos contra o frio e alimentos que deveriam se fornecidos pelo Hotel Martinelli.

Pois, por pressão de alguns estudantes, o carcereiro por vários dias reteve o colchão e cobertores, fazendo o preso sofrer rigores do inverno ouro pretano. Quanto às refeições enviadas pelo hotel, às dez horas da manhã, sòmente eram entregues ao preso às duas horas da tarde, remexidas ou poluidas. Levada a reclamação ao Juiz de Direito que era meu pai, e sob cuja jurisdição já se encontrava o preso, teve êle que tomar severas providências junto ao Chefe de Polícia.

As cópias dêsses ofícios reclamando contra os vexames ilegais inflingidos ao acusado preso Protasio Vargas, revelam por parte do magistrado, um alto grau de coragem

e consciência do cumprimento do dever. Quando em grau de recurso foram os autos conclusos ao Juiz de Direito, recrudesceram os esforços vingativos para que sob a mais tremenda das pressões, fôsse “in totum”, confirmada a pronúncia dos implicados. Gastão da Cunha, foi encarregado da missão de fazer sentir ao Juiz de Direito, que o Govêrno do Estado, no intuito de desagrar os melindres de Minas, que diziam feridos no episódio, fazia questão fechada de que se desse aos riograndenses uma “lição em regra”, processando-os a todos. A resposta de meu pai a Gastão da Cunha foi que, como magistrado, não transigia no cumprimento dos seus deveres e que sòmente decidiria de acôrdo com a prova dos autos. Que não poderia tomar conhecimento de qualquer insinuação, partisse de quem partisse, fôssem quais fôssem as consequências. Gastão da Cunha que tinha relações de intimidade com meu pai, ouviu-lhe silenciosamente a resposta dada e justificada com certa veemência. Ao despedir-se disse ao seu amigo Juiz de Direito de Ouro

Preto: – “Antonio Augusto! Você tem toda a razão. Êsses sujeitos (os do govêrno) são uns canalhas, mas eu preciso dêles...”. E saiu. Nêsse momento chegou a Ouro Preto o General Manuel Vargas, pai de dois dos indiciados, que ali fôra ter afim de cuidar da defesa dos seus filhos.

Êsse homem depois de visitar seu filho preso na Cadeia de Ouro Preto, com a alma dolorida ainda pelo emocionante encontro, foi à nossa Casa do Rosario visitar meu pai e agradecer-lhe as providências que haviam sido tomadas para a salvaguarda da vida do seu filho. O General Manuel Vargas, portou-se como um perfeito cavalheiro. Disse a meu pai que fôra a Ouro Preto tratar da defesa dos seus filhos, e que regressava ao Rio Grande confiado em que, fora das sanções legais em que acaso incorresse, sentia-se seguro de que nenhum mal lhes seria feito. Com toda a dignidade não pronunciou uma só palavra que importasse em pedido de favor a seus filhos, por parte do magistrado que o recebia.

Nenhuma palavra mais trocaram em Ouro Preto o General.

Manuel Vargas e o Juiz de Direito Augusto de Lima. Pois logo à saída do General Manuel Vargas de nossa Casa do Rosário, alguém tratou de espalhar pela cidade a notícia de que êsse angustiado pai levara ao Juiz de Direito uma ordem de Julio de Castilhos para despronunciar os rio-grandenses.

Dias depois de receber os autos do processo, o Juiz Antonio Augusto de Lima, contra a vontade do Governo do Estado, de alguns estudantes e demais interessados, publicou sua sentença. Nêsse despacho, despronunciava Protazio Vargas, o único acusado preso, e confirmava, no mais, a decisão do Juiz Municipal Dr. Alfredo Guimarães.

Êsse ato do Juiz de Direito, fêz explodir a exaltação dos coléricos anjos vingadores. Alguns estudantes, tentaram, aliás sem êxito, um movimento de protesto coletivo contra o professor Carlos Prado e ainda por cima,

despronunciava contra a vontade dêles estudantes um dos acusados por êles... Ficou combinado que na primeira aula a que comparecesse o professor Augusto de Lima, ao subir êle à Cátedra todos os alunos se retirassem da sala e o aguardassem à saída da Faculdade, dando-lhe uma estrepitosa vaia. Convidaram os estudantes de outras escolas e preparavam-se para o grande dia. No dia aprazado foi meu pai, como de costume, dar a sua aula. Nêsse dia o recinto estava à cunha, aguardando os promotores a hora da desfeita ao mestre. Falhou tudo... Meu pai avisado da ocorrência por estudantes seus amigos, sabendo embora do que se tramava, subiu tranquilamente á Cátedra. Começou dizendo que sabia que lhe estava preparada uma ruidosa e violenta manifestação do desagrado, mas que antes dela, devia como mestre de futuros magistrados, dar-lhes uma lição que lhes seria útil, de como deveria em quaisquer situações, um Juiz cumprir o seu dever. Explicou os fundamentos da sentença e analisou os acontecimentos com serenidade e

elevação. Discorreu sob um silencio absoluto, prendendo a atenção de quantos o ouviam. Os promotores do agravo foram se esgueirando pela porta, à medida que o mestre intrepidamente verberava aquêles ódios indignos do coração da mocidade. Mal concluia as últimas palavras, uma estrepitosa salva de palmas saudou o malsinado Juiz-Professor. Fracassara o desacato que se convertera em apoteose á vítima da sanha manobra por mãos ocultas. O Juiz de Direito agiu como devia. Procedeu como qualquer homem reto diante da límpida prova dos autos. Êsse processo famoso, desde que o Sr. Getulio Vargas assumiu o poder no Brasil tem sido consultado com freqüência por interessados em encontrar nêle material adequado a retaliações políticas. Mas os que consultam encontram justificada a despronúncia de Protazio Vargas, título de glória para a memória de meu pai, que soube ser um magistrado digno nêsse transe terrível.

Foram despronunciados, em gráu de recurso, Protazio Vargas, Francisco Faria e um

outro. Fernando Kauffman apresentou-se, foi submetido a Juri, um ano depois, sendo absolvido. Nêste processo depuseram sete testemunhas no inquérito, à revelia dos reus, na formação da culpa presente o reu Protazio que fôra preso. Nunca ficou apurado convenientemente qual o tiro que abatera Carlos Prado. Se fôra de Viriato Vargas, Balthazar do Bem ou de Fernando Kauffman. Protazio Vargas, conforme ficou plenamente provado pelo depoimento das testemunhas, a que assistiu o promotor, procurou por todos os meios ao seu alcance evitar que o seu irmão tomasse parte no desfôrço a que o incitavam outros amigos. Sua presença no local do conflito, alias vagamente aludida pelas testemunhas, não tinha relação com o que depois se passou e não era, no conceito das testemunhas, senão um meio de evitar que seu irmão agisse precipitadamente.

Vejam as testemunhas do processo. A 1ª testemunha, a fls. 99, julga que Protásio estivesse no grupo “não tendo, entretanto, o reconhecido por tê-lo visto repentinamente e

confundindo-o como Faria. Havia 4 pessoas no grupo, das quais afirma que três estavam armadas, Viriato, Kauffman e Balthazar do Bem. Não pode afirmar a coparticipação de Protásio”. Poderia algum Juiz basear pronúncia neste depoimento? A 2ª testemunha a fls. 112, “não pode afirmar se Protazio atirou, embora o julgue solidario com seu irmão Viriato, mas não pode afirmar que Protazio era solidário com Viriato para matar Carlos Prado. Não viu Protazio proferir palavra nem fazer gesto que animasse o crime”.

A 3ª testemunha a fls. 123, “não ouviu dizer que Protazio agredisse de qualquer modo a Carlos Prado”.

A 4ª testemunha a fls. 132, “tem certeza de haverem atirado Balthazar, Viriato e Kauffman; não viu Protazio no conflito”. A 5ª testemunha ouviu dizer que os criminosos são Viriato, Balthazar e Kauffman e que a princípio ouviu falar na participação de Protazio, mas depois não ouviu mais. A 5ª testemunha a fls. 150, ouviu falar na

participação de Protazio mas não tem certeza se isso é verdade”.

A 7ª testemunha a fls. 154, viu distintamente atirarem Balthazar do Bem, Kauffman e Viriato, e não viu fazê-lo Protasio. Não viu Protasio praticar qualquer ato de agressão ou animar os agressores a que o praticassem contra Prado.

Nenhum Juiz digno dêsse nome seria capaz de manter a pronúncia de um indiciado contra o qual não existia o menor resquício de prova na participação de um delito. Sem dúvida que foi necessária uma grande energia moral por parte do Juiz Augusto de Lima para cumprir a Lei exculpando o inocente.

O tempo passa, as paixões amainam e os documentos escritos ficam para a análise da posteridade. E dêles surgem as sentenças que honram a cultura de um povo e incitam os homens a elevar-se no cumprimento da sua missão e de se colocarem AO LADO DO DEVER E AO LADO DA JUSTIÇA, custe o que custar!

No meu tempo ... (Memórias do Consulado)

Silvio Vilar Guedes

Apelo, ordem, pedido, ou o que quer que fosse, vinha, ao cair da tarde, aos berros, na trovinha da “Perpétua”:

“Esta ‘véia’ é uma Santa.
É uma Santa Teresa ...
Oh! ‘Véia’, alarga o passo
E põe a bóia na mesa...”.

Isto ocorria ao cair da tarde soava como uma sineta chamando para o jantar. Naquele salão enorme do Consulado, assentavam-se nos dois longos bancos, os primeiros a chegar, os mais esfaimados, à espera dos quitutes da ‘veia’ Teresa.

O papo começava. Para quem não ia ao cinema depois do jantar o papo continuava horas a fio. Ia do grãozinho de ervilha à cosmogomia universal; ia da unha encravada à paraapsicologia. Esse papo longo,

entusiasmado, agressivo, às vezes, sempre puro, – muito puro, – era o que nós chamávamos, lá em Ouro Preto, de “bonde”.

Cheguei até a fazer uma paródia da famosa canção “Sempre no Meu Coração” (Allways in My Heart), verdadeira coqueluche do ano de 1943, que eu intitulei de “Hino ao Bonde”. Chegamos até a ensair esta paródia para apresentá-la no Teatro dos Estudantes, nesse ano de 43. Porém, – imaginem só – fomos desaconselhados pelo Ziembinsky, o famoso Ziembinsky que, visitando Ouro Preto, tomou conhecimento de nossas idéias e, naquela jóia que é o Teatro Municipal, assumiu ares de pontífice, deu-nos vários conselhos e recomendações sobre o nosso teatrinho, as quais, felizmente, não foram aceitas. De qualquer forma o “Hino ao Bonde” foi cancelado do número de variedades que havíamos programado. Era assim a paródia:

“Conheci um estudante
que, com decisão brilhante,
disse: “Agora vou estudar

vou cedefar, para abafar.

Nunca mais eu saio à rua,
nem faço canções para Lua.
Nunca mais roubo galinha,
Agora vou entrar na linha.

Nunca mais pego no pinho,
nem tampouco bebo vinho,
eu vou ver crânio de aço,
porque sinão, eu não passo.
E o tal cara, meus amigos,
não caiu em tais perigos,
mas de ano não passou,
porque o 'bonde' não deixou”.

“Veia” Teresa ... Figura singular ... Suja,
mas de um coração limpo. Limpíssimo ...

Surpreendi-a, muitas vezes, sozinha, no
quintal, a urinar em pé. Descacava batatas e a
urina escorria pelas pernas e pela saia grossa,
molhando-lhe os pés e deixando o chão

umedecido. Eu dava um berro, a pobre velha se assustava.

Mas, eu era o “peixinho” da “véia” Teresa, durante todos os anos em que morei no Consulado, durante todo o meu curso, o chamado “Curso Geral”.

Com que carinho ela cuidou da minha catapora ... E sua indignação quando chegava de manhã e encontrava o sótão cheia de galinhas roubadas! ... Ela não me censurava quando eu me excedia. Me chamava de “pândego” ...

Ela era de Rio Acima; vez por outra, ia à sua terra. Uma vez, de lá, trouxe um sobrinho, escurinho e simpático, o Lacy, que ficou conosco na República, algum tempo.

Ainda me lembro da cozinha ... O chão de madeira, afundava com o peso do fogão. O fogão era extremamente negro e sujo, só queimava lenha de canela. Comprávamos os carregamentos de lenha a 4500 cada um, dos tropeiros que passavam à nossa porta. A lenha, jogada em nosso quintal, além de exalar o

aroma da canela, lembrava a textura ofítica dos diabásios, visto ao microscópio.

Durante uma das inúmeras crises financeiras porque passávamos todos os anos, em diferentes épocas – e sempre com muita frequência, chegamos a queimar as janelas e os postigos, de madeira-de-lei, maciça, das quais só restou uma ferragem de cerca de 200 anos ...

Na oportunidade de apôr mais um retrato na galeria dos ex-cônsules, pareceu-nos oportuno acrescentar algumas reminiscências do tempo da fundação do Consulado, que poderão integrar os “Escritos do Alcorão”, nossos registros oficiais da vida da República.

A idéia de fundar uma República nova foi arquitetada por um grupo de “paus de arara”, por volta de 1936, grupo constituído por Nabor Nóbrega, Paulo Aires, Edson Vinagre e Sílvio Guedes. O nome inicialmente escolhido fora “Consulado da Paraíba”.

Pensávamos em reunir os paraibanos que fossem chegando a Ouro Preto debaixo do

mesmo teto, criando um prolongamento do Nordeste nesta acolhedora Minas Gerais.

A motivação um tanto indefinida talvez tivesse origem na sensação de solidão e espanto que nos assalta à chegada a Ouro Preto, terra de costumes e linguajar inteiramente diferentes dos nossos, a despeito da acolhida carinhosa que todos tivemos aqui. A ponte sentimental facilitaria a adaptação às novas condições ambientes.

O grupo inicial Nabor, Paulo Aires, Silvio e Edson já reunia boa dose de convivência, pois moravam juntos na pequena casinha ao lado do Teatro Municipal.

Busca daqui, busca dali, achou-se enfim uma chácara na Rua dos Paulistas, por trás do antigo Fórum, ponto aparente dos encontros amorosos do Didico da Ouropretana de Eletricidade com a Maria Rosa, uma espécie de Dona Beija de Ouro Preto...

A diminuição dos seus encantos com a idade, ou outro motivo de maior peso, forçou-a a criar outra fonte de renda, e talvez pela má

fama do local, nossa proposta de aluguel foi aceita.

Se verdadeiro ou não o motivo alegado, o fato é que o chalé da Rua dos Paulistas constituía na época a melhor instalação para uma República de estudantes, e na janela do sótão pendurávamos com muito orgulho a placa “Consulado da Paraíba”, que assim iniciou a sua vida republicana, lá pelos tantos de 1936.

Um pouco mais de prática na vida em comum e uma integração mais rápida nos hábitos alcoólicos da vida estudantil, por parte de dois do grupo, Nabor e Sílvio, provocou a cisão do grupo original, e Paulo Aires e o Edson foram substituídos pelo paranaense Eurico Rosas e os mineiros Cássio Damázio e Mário Álvares.

Nabor, Rosas, Sílvio, Cássio e Mário Alves formaram muito tempo um grupo homogêneo que tornou rapidamente conhecida a má fama da República, nas bebedeiras das festas de aniversário, nas incursões pelos galinheiros dos outros e constantes atritos com

a auidoridade constituida, o que motivou a detenção dos membros da República por várias vezes.

A gradual e definitiva incorporação de elementos provindos de outros Estados acabou por cancelar a conotação geográfica e a República foi aos poucos se firmando como o “Consulado”.

Nenhuma República é verdadeiramente um lar de estudantes sem uma cozinheira, que representa o papel de governanta, de mãe e raríssimas vezes facilitava a vida de outros modos.

O “Consulado” teve a sua primeira e quase única cozinheira, a nossa inesquecível Teresa, a velha Teresa como carinhosamente a apelidamos; uma solteirona convicta no dizer da Consuelo Leandro, que ao tempo em que cuidava de nós com todo o carinho, impunha um respeito absoluto, e na sua frente poucos se atreviam a contar piadas ou estórias mais apimentadas.

Muitas e muitas vezes nós tivemos que interferir pessoalmente para trazer de volta a

velha Teresa, ofendida nas suas virtudes por uma brincadeira mais livre durante as refeições.

Aos poucos os mais gaiatos aperceberam-se do pundonor superficial da boa Teresa e muito de propósito, para gozar-lhe a fúria vituosa, provocaram-na durante as refeições. O espetáculo da volta sob aplausos constituía sempre verdadeira reconciliação entre namorados.

Aos poucos a velha Teresa foi aprendendo a tolerar as brincadeiras e já não se amofinava mais quando alguns propunham trocá-la por uma cozinheira mais jopvem e mais bonita.

Um traço característico de sua personalidade foi sempre o de eleger um “peixinho”, o qual escolhia cuidadosamente entre as gerações que passavam pela República. Era ele o único e seguia sempre a tradição “rei morto, rei posto”. Ao concluir o eleito do curso da Escola, outro ocupava o seu lugar no reinado da velha. Nunca soubemos quais os critérios que presidiam às sucessivas

escolhas da velha Teresa. Tivemos a sorte de ser o primeiro; Nabor nos sucedeu no reinado e outros tomaram os nossos lugares nas atenções especiais da boa Teresa. Para todos ela tinha um carinho, mas o seu protegido tinha sempre um pouco mais; e por mais que todos fizessem para tecer intrigas responsabilizando o protegido por tudo de mal que acontecia na República, havia sempre uma resposta pronta: ele não, não é capaz disso.

A menor doença de cada um de nós ensejava à velha Teresa a oportunidade que ela talvez muito quisesse de ter sido mãe de alguém; e de nós tratava como enfermeira e mãe, dentro das limitações financeiras e do desconforto que caracterizavam as Repúblicas daquela época.

Lembro-me do seu aspecto desolado quando ao entrar pela manhã para nos preparar o café, encontrava a República de pernas para o ar, como resultado daquelas bebedeiras memoráveis que muitas vezes surgiam sem uma motivação própria, na base de um estado

de euforia ou de depressão de uns, a que outros se associavam sem maiores indagações.

No dia seguinte, com as cabeças cobertas por toalhas, nada mais podíamos fazer que curar a bebedeira tomando banho de sol no jardim, onde ficávamos quase a manhã toda, preguiçosamente a recordar os episódios jocosos da farra da noite anterior.

Com que dificuldade descíamos as ladeiras pelo beco da Prefeitura, agarrados aos dois e aos três, aos trambolhões ladeira abaixo ou ladeira acima, naquele equilíbrio instável, característico das libações alcoólicas. Não havia vizinhos para nos inspecionar e o espaço era nosso, para o vozerio sem limites.

Por volta do ano de 1938, por imposição de Maria Rosa, tivemos que deixar o casarão da Rua dos Paulistas, ou o chalé, como o chamávamos.

Da Rua dos Paulistas mudamo-nos provisoriamente para a Praça Tiradentes, numa casinha imprensada, nos altos de uma barbearia e depois para as Lajes, onde nos instalamos defronte de uma pedreira de

quartzito, abandonada, local também apropriado para uma república, e que nos proporcionou dias esplendorosos.

Ficaram famosos na vizinhança os nossos tiroteios produzidos pelo foguetório com que comemorávamos os exames finais, ou uma data qualquer que nos fosse mais querida.

Ali nas Lajes concluímos o nosso aprendizado na Escola e afastamo-nos da vida gostosa da república, onde vivíamos abertos, com a personalidade à mostra, sem as armaduras com que nos encorajamos cá fora, sem necessidade de defesa, porque ninguém concorria com ninguém.

Dali partimos para o mundo profissional, completamente diferente, onde cada movimento tem de ser estudado para que o solo não afunde com os nossos passos, neste mundo horroroso que a sociedade moderna nos criou e cujo refúgio e santuário é apenas a família.

Quando três anos após voltarmos a Ouro Preto, o “Consulado” estava onde está agora. Viemos assistir à formatura do Nabor e do Cássio, aqui encontrando o Meninão, Schimt, Rosas e Pará, e outros cujos nomes escapam à memória. Então, pareceu-me que o Pará era o candidato a “peixinho” da velha Teresa. Com que sofreguidão revimos a nossa querida Teresa, como ela nos abraçou tantas vezes, num êxtase de satisfação. Novamente reeditamos as mesmas proesas estudantis, “penosas”, bebedeiras, etc. e, com esta volta ao passado, encerramos definitivamente o ciclo estudantil.

Já havia então o Alcorão e aqui ficavam as nossas reminiscências. Outros cônsules produzirão mais crônicas da vida do “Consulado”, complementando os “eventos” do Alcorão, mantendo vivas as gloriosas tradições da nossa República.

De tempos em tempos prometo aqui voltar para matar as saudades.

Depoimento sobre a República Castelo dos Nobres

Aloysio Sá Freire de Lima

Nasci na cidade de Diamantina, em Minas Gerais. Meu pai era “Engenheiro Residente” da Estrada de Ferro Central do Brasil (E.F.C.B.). Nasci em maio de 1925.

Matriculei-me no Curso Complementar da Escola de Minas em 10 de janeiro de 1941. Cursei o 1º ano, concluindo-o em outubro de 1941. O 2º ano decorreu de novembro de 1941 a agosto de 1942. Habilitado do concurso realizado em agosto de 1942. O ano letivo da Escola de Minas iniciava em agosto e fechava em junho do ano seguinte.

Em 1942, houve um decreto-federal uniformizando os períodos letivos em todos os cursos superiores. Dessa forma, o 1º ano só foi começar em março de 1943. Em fevereiro de 1943 houve novo concurso de habilitação, uma vez que das 50 vagas do 1º ano, somente 23 estavam preenchidas pelos aprovados em setembro do ano anterior. E dois com um

repetente. Nesse 2º vestibular passaram mais seis alunos. Assim, o 1º ano tinha trinta e um alunos matriculados.

Em 1941 morei na Pensão Lacerda (de D. Elisa Lacerda), que funcionava no prédio frontal à Igreja do Carmo. Em dezembro de 1941 meu pai – que era engenheiro da Estrada de Ferro Central do Brasil foi designado Engenheiro Residente da IV8 sediada em Ouro Preto e mudou-se com a família para esta cidade.

Morávamos na casa da Central do Brasil, situada à Rua Diogo de Vasconcelos sem número. Essa coisa foi posteriormente vendida e hoje é a sede da Reitoria da UFOP.

Em 1946 meu pai foi promovido para a chefia da via permanente da Divisão de Minas, com sede em Belo Horizonte. E mudou-se para Ouro Preto.

Assim fui morar na República Castelo dos Nobres, em agosto de 1946, quando cursava o 4º ano da Escola de Minas. Aí morei em 1946 e 1947.

Inicialmente compartilhei o quarto com o José Alvim, que era um quarto grande no último andar.

Ao final de 1946 formaram-se em Farmácia o Geraldo Cardoso Teixeira (Gê) e o José Paulo, vagando dois quartos. Ocupei o do Ge no último andar. A casa era alugada e estava sob responsabilidade do José Alvim. O proprietário pediu a desocupação do imóvel que vendera para o Dr. Moacyr Amaral Lisboa. Mudamos para a casa situada à Rua Felipe dos Santos, número 1, próxima da Igreja Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias.

Aí morei um ano, em 1948. formamos em 17 de dezembro de 1948 Aloysio Sá Freire de Lima, Evandro Caetano de Lima e José Campos Machado Alvim. Deixei a República em 20 de dezembro de 1948.

O José Alvim desde abril ou maio de 1948 mudara para o Saramenha. Fora convidado para integrar o quadro de engenheiros da então Eletro Química Brasileira S.A. Foi trabalhar na Divisão de Ferro-Ligas.

Esta, em 1952, foi entregue em pagamento de dívida ao Banco do Brasil, que a passou aos canadenses.

Como estudante participei como Secretário da Diretoria do Centro Acadêmico sob a Presidência de Antônio Castanheira Netto, que era muito distinto e aplicado colega de turma que, por razões de dificuldades financeiras, transferiu-se para São Paulo, sua cidade natal e onde residia sua família. Fui também representante de turma no Diretório Acadêmico.

A vida na República era tranqüila, sem inimizades e todos eram bem estudiosos. A alimentação era preparada por um cozinheiro, o Zé Fumaça, que era um indivíduo humilde, discreto e respeitoso. Chegava antes das 7 horas e saía depois das oito. Não me lembro sua remuneração. Penso que era caso único, pois as outras Repúblicas tinham cozinheiras.

O Castelo era na casa situada à Rua Camilo de Brito 2, vizinha da Pureza (Rua Camilo de Brito, 4).

Cheguei à República Castelo dos Nobres no mês de agosto de 1946. Morei com José Campos Machado Alvim, Evandro Caetano de Lima, Geraldo Cardoso Teixeira, José Paulo de Barros, Pedro Silva, Guanahyro Antunes Aguiar, Ladislau Borges Campos, Napoleão Goretti, Dirceu Cesar Leite e Paulo Cabral.

Em 1946 houve uma reforma na seriação de materiais visando a possibilitar a graduação de engenheiro de minas e metalurgista ao aluno que concluísse o 5º ano. E engenheiro civil ao concluir o 6º ano. Assim, minha turma foi a última cujo diploma era “Engenheiro de Minas e Civil”. A turma de 1949 teve o seguinte título: “Engenheiros de Minas, Metalurgia e Civil”.

Sobre a História da Canaan Rubens (Rubão)⁴

Cheguei para a república Canaan, aos 17 anos, 1º da então ENMMUB, em ago 53. Para entrar para a República fui submetido a um teste – Tomar um copo liso de cachaça, sem “tira-gosto”, pela noite, e no dia seguinte levantar cedo, tomar banho frio e ir para as aulas... Foi difícil, pois até aquela idade não havia feito uso de álcool, estudava interno em Colégio Salesiano, em Campinas, e depois no Colégio Arnaldo, Belo Horizonte, estando mais para menino religioso, tímido, estudioso, que para adepto do golo.

Naquele dia, os mentores do teste, Renato, Flávio, Ananias, disseram-me que depois de um golo forte, o melhor era fazer uma caminhada, não ficar parado, pois o “fogo” viria, sem dó, provocando dor de cabeça e seguidos “jucás” – foi aí que conheci o grande companheiro de todos nós o “Juca”.

⁴ Depoimento incluído no Dossiê da República Canaan encaminhado à UFOP.

Saí andando com o amigo e companheiro de Pensão Maia, o Alípio Valle, Araxense, que era amigo de alguns Canaenses oriundos do triângulo mineiro, mais especificamente, Araxá – Camarão, Jojó, Ananias – Uberaba, Renato- Uberlândia, Júlio, este último de saída abrindo a vaga, e os dois restantes sendo os goianos Flávio Vitor e Mario Nadir. A caminhada que empreendi teve seu início na Praça Tiradentes, Boteco do Zinho, embaixo da Pensão do Liberato, depois Pilão e hoje ruínas, no sentido Lages, e terminou pela manhã quando estava quase chegando em Mariana. Voltei rápido, banho frio, aula. Estava eu aprovado e, portanto, habilitado a ser um Canaense. Foi para mim uma glória, uma grande conquista, tão importante como passar no vestibular. Para melhorar, logo em seguida, vieram Mozart e o Sawaya, e posteriormente o Edinaldo, colegas de turma para completar uma família unida, da qual jamais esqueceremos.

A sala da Canaan, tal como hoje, abrigava uma pesada e longa mesa, com dois

grandes bancos, onde diariamente, juntos, tomávamos café, almoçávamos, jantávamos e por que não contar, antes do jantar tomávamos um bom aperitivo, em copinhos graduados, trazidos da Escola de Farmácia, por Jojó e Ananias, que lá estudavam. Tudo medido... Após o jantar, também juntos íamos para o cinema do Dodô, sendo que aquele que chegasse primeiro guardava lugar para os demais que estavam vindo...

O curso Geral, Minas, Civil, Metalurgia e Geologia era feito em 06 anos e no início, a viagem Belo Horizonte – Ouro Preto, era feita em 05 horas de ônibus, passando por estradas de terra ou opcionalmente, por trem, 06 horas, com direito a uma baldeação em Miguel Burnier.

No meu tempo, a maioria dos Canaenses privilegiava os estudos, mas também havia tempo para o esporte e lazer. Particularmente, a nossa versatilidade era tal que cheguei a escrever uma peça de teatro, “Buteco de Chá do Luar de Outubro”, levada em cena em 09, 10 e 11/10/57, no Teatro Municipal de Ouro

Preto. O curioso é que trabalhei durante 06 anos no teatro, a maioria dos papéis como donzela, porém sem qualquer perigo... Jogávamos futebol de campo, basquete, vôlei, xadrez e “carteado” – poker, bridge, buraco. Eventualmente, bebíamos algo...

Hoje, muitos anos são passados, depois de cumprirem sua missão nesta vida terrena, alguns destes saudosos colegas se foram, como o Marinho, o Renato, o Flávio Vitor, o Camarão, o Mozart, e o tempo vai deixando marcas de sua passagem em outros, na aparência, na memória que para mim já não responde com a presteza de outrora – jogava xadrez às cegas contra 02/03 tabuleiros – mas as lembranças do coração permanecem vivas, claras, como se tudo passasse hoje, pois elas nos são mais fiéis. Isto ocorre comigo, ao procurar recordar os colegas do tempo de minha vida em Ouro Preto.

Nestes 45 anos desde nossa formatura, encontrei-me com alguns colegas em várias oportunidades, porém muitas vezes com outros. Uma coisa é certa, quando penso nessa

época, nas pessoas, nos colegas, nas moças nativas – casei-me com uma – e nas turistas que aqui chegavam para prestigiar as nossas festas, nossos encontros, vem-me a memória aqueles momentos de inesquecível felicidade, naquele cenário barroco, cercado por belas serras, com a presença marcante do Itacolomy e Morro do Cachorro. Não tínhamos preocupações maiores que a de estudar, não havia violência... Aquele foi certamente um mundo ótimo e que não existe mais. Não sei se isto é bom ou não, mas vejo a todos nesta perspectiva de 45 anos, quando éramos jovens de 20 – 30 anos.

No presente, vejo uma família de Canaenses com os mesmos princípios de outrora, me trazendo novas lembranças, novos estímulos, como Ki-susto, Salsicha, Fester, Falamansa, Neném, Outros, a cumadre Doca. A todos estes, o meu fraternal abraço, com a esperança de que novos bons tempos virão, como o que agora estamos vivendo.

Não devemos deixar de ressaltar a presença sempre marcante do José Vandir,

Maraca, Schettino, Monsenhor, José Ronaldo, Edmilson, Aniceto, José Adriano, adotado como Canaense, os quais sempre que possível estão prestigiando os encontros aqui realizados.

Devemos agradecer de coração a presença de amigos e, principalmente amiguinhas que aqui vêm para alegrar o nosso ambiente, dando uns toques femininos, especiais, às nossas reuniões...

Neste momento de confraternização, lembramo-nos das sábias palavras do filósofo Cysne, “o álcool queima neurônios mais fracos, aumentando a concentração de neurônios bons, portanto devemos beber para agilizar nosso cérebro...”

Devemos lembrar ainda o corolário do famoso “Teorema de Laudelino” sobre causa e efeito, aplicado às estatísticas dos acidentes nas estradas, segunda as quais 30% dos acidentes são causados pelo álcool. O corolário diz, vamos beber álcool, pois 70% dos acidentes são causados pelos tomadores de águas e sucos...

Vimos que no meu caso, tudo começou com a chegada tímida a Ouro Preto para estudar e que este início, muito triste – deixara a casa de meus pais em Belo Horizonte – para mim acabou se transformando nos melhores anos de minha vida, quando então já Canaense. Tenham a certeza que nós Canaenses estaremos sempre unidos pelos elos ingentes e fortíssimos desta divina amizade, e que estas amarras se perpetuarão pelo porvir afora, com as luzernas da felicidade sempre nos iluminando.

Despeço-me com os meus elogios ao auditório, super comportado, silencioso, em profunda meditação, apesar da tortura auditiva a que foi submetido. Obrigado. Rubens.

ANEXO: Gírias Estudantis de Ouro Preto⁵

Ouro Preto é uma cidade peculiar. E como tal, seus republicanos possuem uma linguagem própria, um modo de se expressar que à primeira vista pode causar um certo espanto àqueles que há pouco chegaram à Universidade ou à cidade⁶.

Para evitar tais desacertos, alguns moradores de república esporadicamente se dispõem a elaborar verdadeiros “dicionários”, a fim de esclarecer com precisão o sentido das expressões criadas e tão difundidas por eles em Ouro Preto. Em seguida, algumas delas serão apresentadas:

Abexim – Calouro.

⁵ Foram utilizados muitos termos das seguintes fontes: Aliança Bíblica Universitária (ABU) e da Academia Bastilhana de Letras (República Bastilha)

⁶ Os itens Ajantarado, “pegar bonde”, “catar prova”, abexim, anexim, bitola, cochambrar, concurso, composição, “mulher teórica, biritar, TP, ondeiro, “catar prova” e “pegar bonde” foram enviados pelo ex-aluno Kléber Farias Pinto, correspondendo a gírias dos anos 50.

Acoxambrar *v.i.* 1. Fazer mal feito # *Bras.* “levar nas coxas”. Esperamos que você nunca precise fazer isso.

Ajantarado – almoço sendo bem tarde que dispensava o jantar.

Amarrado – coisa que não anda.

Anexim – Calouro egresso do Curso Anexo da Escola de Minas, que preparava estudantes para o vestibular.

Atôlo – o que “estar na seca”.

Balde *s.m.* 1. Utensílio utilizado para tomar cerveja.

Batalha *s.f.* 1. Período de busca a uma vaga em república federal (da própria Universidade).

Batidão – bebida, preparada geralmente com ingredientes baratos, como pinga e outros. Bastante consumido nas repúblicas de Ouro Preto.

Beliscar azulejo *l.c.* 1. Efeito, consequência da embriaguês. 2. *Bast.* Viagem

Biritar – beber uma cachacinha ou caipirinha; uma birita.

Bitola – Novos exames para uma Segunda chamada dos reprovados na primeira época onde eram aceitos os que tiravam nota entre 3 e 5.

Bixo. Calouro da Universidade.

Bodar – morgar, deitar.

Burracha s.f. 1. O contrário de rombudo.

Cadeira s.f. 1. Disciplina, matéria. O calouro deverá fazer várias cadeiras até se formar.

Calouro – Pouco utilizado. Utiliza-se “bixo”.

Camofa s.f. 1. Bruaca, mulher feia. × Etimologia: *latim* caco (feio), *latim* morfo (forma); camofa = caco + morfo.

Canudo – Diploma.

Cascudo s.m. 1. Vestibulando. 2. Aquele que almeja a ser bixo.

Catar v.t. 1. Abandonar. Jamais diga a um veterano que ele catou uma matéria, ele apenas a achou pouco estimulante.

Catar Prova – retirar-se da sala de exames escritos com a prova na mão desistindo de fazer as respostas.

Chapar – tomar todas.

Coçar – ficar a toa.

Cochambar – o mesmo que “acochambar”.
Ajeitar soluções não verdadeiras.

Coletivar *v.t.* 1. Tomar comum a todos os membros da sociedade; 2. Compartilhar a mesma mulher. *Bast.* Pôr na roda.

Com S! *nterj.* 1. Conhece; entende. 2. *Bast.* Saca!

Concurso – Exame vestibular.

Composição – Trabalho escolar escrito.

Cumadre – Empregada de uma república.

Decano – O mais velho da república.

Desatolo – Passar de matéria; tirar uma; tirar o atraso em relação ao período de “estar na seca”.

Doutor *s.m.* 1. Aquele que está separado dos bixos por uma pilha de livros ou por um abismo de créditos. 2. Veterano.

Engolir corda *l.c.* 1. Fazer ou deixar de fazer algo em função de algo melhor. 2. Ir na onda de outrem. × Bras. “Maria vai com as outras”

·
Escolha *s.f.* 1. O veredito final dado pelos moradores após ter-se batalhado vaga na república.

Escroto – sacana

Farmacopila – termo utilizado antigamente para os estudantes de Farmácia.

Ferrar *v.t.* 1. Estudar. ×Por vezes até a exaustão. 2. Fazer algo de forma exaustiva. ×*Bast.* “ Ferrar no golo”.

Fina *s.f.* 1. Aquilo que é certo de acontecer, de cair nas provas. Materiais como provas, trabalhos, resumos e outros acessíveis no interior das repúblicas.

Finário – conjunto de finas.

Fraqueza – não aguenta os bondes e rodas de baralho nas repúblicas.

Fuleragem – só de onda

Furar o couro – Transar

Garrar – ficar preso, não progredir.

Golo *s.m.* 1. Bebida alcoólica.

HP *s.f.* 1. Se você faz engenharia é bom ter uma, vai te salvar a vida várias vezes.

Lama *s.f.* 1. Pessoa que gosta de exagerar nas festividades.

Mala – barra pesada.

Miss Bixo *s.m.* 1. Concurso onde se elege o calouro mais original.

Monstro *adj.* 1. Diz-se daquele que belisca azulejo; chapado.

Mulher Teórica – garota que conversava, conversava, mas na hora H não beijava nem ia para a cama. “Não executava”.

Na seca – estar em um período relativamente longo sem manter relações sexuais.

Nativo *s.m.* Aquele é natural de Ouro Preto.

Ondeiro – pessoa que fazia “onda” ou seja, se movimentava bastante criando situações novas, promovendo eventos e “agitações” sociais. Boateiro.

Ou não! *Interj.* 1. Expressão de dúvida, também utilizada quando não se sabe o que dizer.

Pegar Bonde – conversar fiado com os companheiros ao invés de estar estudando.

Pernilongo – estudante da Escola Técnica de Ouro Preto.

Por na Roda – dividir com todo mundo.

Prosa ruim *loc. Adj.* 1. Aquele que não sabe o que dizer a uma mulher, ou só diz besteira. 2. Ser inexistente na República Bastilha.

Ranca – Racha, pelada, jogo de bola.

Rombudo *s.m.* **1.** Algo muito difícil, quase impossível.

Saca! *Interj.* **1.** V. *Com S!*

Teste (provinhas) **1.** São pequenas provas que os professores dão, que valem 0,00..., são ignoradas mas derrubam muita gente.

TP – “Trabalho Prático”. Retirar os teodolitos do Curso de Topografia para realizar levantamentos técnicos e mudar a finalidade instalando-os, principalmente, atrás do GRANDE HOTEL para ver as turistas trocarem de roupa, à noite.

Tirar uma – transar .

Véio *adj.* **1.** Camarada, amigo. **2.** Tratamento usado pelos bastilhanos.

Vento *s. m.* **1.** Trote tradicional, no qual o quarto do bixo é revirado. Motivo: esquecimento de janela (s) aberta (s), permitindo a formação de correntes de ar que podem alcançar 100Km/h.

Veterano – que não é mais calouro.

Vzero – volta rápida nas proximidades da República. $V = v_0 + \frac{1}{2} g t^2$.

